

# AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
24/1/943 publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Vol. 10  
Ano III (Da Academia Brasileira de Letras) Núm. 4

## Notícia sobre Quintino Bocayuva

Quintino Ferreira de Sousa — mais tarde Quintino Bocayuva — nasceu no Rio de Janeiro, em 4 de dezembro de 1873, a rua Luis de Camões, no prédio em que existe hoje o Gabinete Português de Leitura. Era filho de Quintino Ferreira de Sousa, natural da Ilha, e de sua esposa, d. Maria Cândida de Moreno, senhora de nacionalidade argentina.

Quintino em tenra idade, partiu para São Paulo, afinde de inscrever-se no Curso Anexo da Faculdade de Direito. Ali, conheceu o "Acayaba", e tornou-se, com Ferreira Vianna, um dos principais representantes da geração que se chamavam Alunos de Anacleto, Tavares Bello e Ferreira Vianna. Duarte de Aguiar, em breve, forçado pelo estado de saúde, abandonou as atividades literárias, com que lutava, e mudou-se para o Rio.

Em 1913, está na corte e se inscreve no "Diário do Rio de Janeiro" de Saldanha Marinho. É um seguidor, e colaborador, do "Acayaba". Escreve, também, no "Correio Mercantil", e em que trata preferentemente de assuntos americanos, analisando os vários aspectos da vida política do Brasil com os olhos do Prata e do Paraguai, e das relações desses países entre si.

Por ocasião da guerra do Paraguai, fez uma viagem ao Prata, trazendo dali suas convicções republicanas mais amadurecidas.

Em 1870, fundam, ele e Saldanha Marinho, o Partido Republicano, cujo órgão, "A República", aparece em 3 de dezembro daquela ano. Trata o primeiro número da folha o famoso *Manifesto Republicano*, da obra de Quintino, com colaboração de Saldanha Marinho e Salvador de Mendonça. Salvador de Mendonça e Francisco da Cunha (este ex-diretor da "Democracia") que se publicava em Porto Alegre, foram seus cooperadores dedicados na "República". Em 1873, no dia em que se comemorava a proclamação da República na Espanha, foram empasteladas as oficinas desse jornal, e o atentado foi atribuído à própria polícia.

Pouco tempo ficou em descanço o jornalista, e já no ano seguinte — 1874 — aparece outro jornal sob sua direção — "O Globo", jornal que existiu até 1878. Reaberto em 81, fechou as portas definitivamente em 83. Quintino escreve, avulsamente, em "O Cruzeiro". Mas em 1885 já se encontra à frente do "Paiz". Fora esse jornal fundado no ano anterior, tendo como diretor Ruy Barbosa. Ruy pouco se demorou ali, passando o seu cargo a Quintino. E no "Paiz" que ele se vai revelar o jornalista peritosíssimo que se tornou a todo o Brasil, o articulista de notória incomparável, a grande anunciador da República em nossa terra. Cercado, na atividade da imprensa, todas as provas de

apreço e consideração. Ferreira de Araújo o consagra Príncipe do Jornalismo. Seu nome vale como uma bandeira de combate, e a última eleição da Câmara do Império o demonstra muito bem. Naquela ocasião, Isaac Martins, Damião Abranches, Rocha Lima, Manuel Cactano de Lemos, Alípio Alcides de Carvalho e outros, levantam a sua candidatura a deputado pelo 4.º Distrito do Maranhão. Quintino obteve uma votação tão considerável que quase forçou o candidato liberal a entrar em segundo escrutínio. A cidade de Carolina deu-lhe uma votação maior (o que a que deu aos seus competidores do Partido Liberal e Conservador).

Em sua tribuna jornalística, prosseguiu Quintino em seu incansável trabalho contra o trono. Em seus editoriais diários, demonstrava a falência da Monarquia no Brasil; com os seus artigos e com a sua ação individual estimulava o desenvolvimento da que ficou chamada Quintino Militar — e que antes seria uma série de questões militares. Foi principalmente à sua extrema habilidade de diplomata e de político que se deveu a adesão de Deodoro às ideias de combate ao Gabinete de Ouz Pretto, e por consequente ao movimento de que veio a surgir a República.

Em 1889, é ele investido na suprema chefia do Partido Republicano. Em 15 de novembro daquele ano histórico, temo-lo ao lado de Deodoro, vivendo todos os momentos da vitória do regime novo com que sonhava a vida inteira, e cuja ideia de fender em seus memoráveis manhas. Ferreira Vianna Filho (suetônio) que escreveu uma circunstanciada notícia da vida de Quintino Bocayuva, conta qual foi o papel dele no dia da proclamação da República. Mostra-nos Deodoro depondo o Ministério de Ouro Preto, mas ainda conservando o respeito e o acatamento pelos princípios monarchicos, dando vivas a Pedro II, e anunciando que se ia entender com o Imperador sobre a organização do novo gabinete. "Quintino compreendeu o perigo e procurou conjurá-lo. A primeira medida que tomou foi interpor-se entre Deodoro e Benjamin, que lembrava ainda o plebiscito e impedir que se aproximasse do general emissário do Imperador. Por isso, ao desfilar das tropas pela cidade, Quintino colocou-se entre os dois, que, durante o trajeto não pronunciaram uma palavra".

"O Paiz", em sua edição de 16 de novembro de 1889, ao narrar os grandes acontecimentos do dia anterior, dá-nos bem a sentir a alegria vemente que enche o coração e a alma do seu diretor.

Organiza-se o Governo Provisório, e a Quintino cabe a pasta das Relações Exteriores, e, interinamente, a da Agricultura, cujo titular efetivo, Demétrio Ribeiro, se achava no Rio Grande do Sul. Em 1890, vai ele ao Rio da Prata, afinde de assinar o tratado de limites que ficou com o nome de *Tratado das Missões*. Essa viagem desencadeou contra ele uma oposição veementíssima no Congresso, na imprensa e em toda a parte. Quintino foi acusado, então, de ter sido advogado da Argentina, e

multos dos seus opositores o dão mesmo como argentino. — De volta ao Brasil, compareceu ele perante o Congresso, e tendo explicado a situação anormal em que se encontrava Brasil por ocasião do Tratado, e tendo feito ver as razões que o haviam levado a assinar-lo — pediu ao Congresso que não aceitasse o Tratado. O Congresso fez-lhe uma ovacão entusiástica e lhe foi concedido um voto solene de respeito e profunda admiração, pela sua maneira de agir por ocasião do Tratado.

Deixando o Governo Provisório, vai ele ocupar o seu lugar de Senador, pelo Estado do Rio, na Constituinte Republicana. Vai, também, para a sua coluna de "O Paiz", continuar em sua missão de esclarecedor da opinião pública. Com o golpe de Estado de Deodoro em 1891, Quintino foi preso como conspirador contra a República. Em 12 de dezembro daquele ano renunciava o seu mandato. Em agosto de 92, foi eleito para o Senado, ali permanecendo até 1899. Reeleito nesse ano, renunciou por ter sido eleito presidente do Estado do Rio. Terminando o mandato presidencial recusou fazer-se eleito na vaga de Nilo Pecanha, que fora seu sucessor no governo do Estado.

Em 1900, o Estado do Rio de novo o elegeu Senador por nove anos. No mesmo ano foi eleito vice-presidente da casa, sendo reeleito para a vice-presidência nas seguintes sessões legislativas. Em 1910, é-lhe dada a presidência da Comissão Executiva do Partido Republicano Conservador. Na luta do Civilismo, é ele adversário de Ruy, seu antigo companheiro de propaganda republicana, seu colega de gabinete no Governo Provisório.

Faleceu em sua modesta casa de subúrbio, às 19 horas do dia 11 de julho de 1912, e foi enterrado, conforme seu desejo, no humilde cemitério de Jacarepaguá, numa cova rasa, sem nome, assinalada apenas pelo n. 214.

Indo visitar seu amigo morto, o marechal Hermes, que era presidente da República, expressou à família enlutada o desejo que tinha o governo de prestar todas as honras do grande brasileiro. A família recusou tais homenagens, exibindo o testamento do seu chefe, o documento intitulado *Para quando eu falecer* — peça que é, sem dúvida nenhuma, um acabado modelo de humildade espiritual.

### BOCAYUVA NUMA REMINISCENCIA DE NABUCO

... Em casa eu via muito a Tavares Bastos, que me mostrava simpatia, todo o grupo político da época; era para mim, estudante, um desvanecimento descer e subir a rua do Ouvidor de braço dado com Theophilo Ottoni; um prazer vir conversar no "Diário do Rio" com Saldanha Marinho e ouvir Quintino Bocayuva, que me parecia o jovem Hercules da imprensa, e cujo ataque contra Mantozuma, a propósito da capitulação de Uruguiana, me deu a primeira ideia de um polemista destemido.

(Minha Formação, pág. 3)



QUINTINO BOCAYUVA

## SUMÁRIO

- |   |   |
|---|---|
| PAGINA 49:  | — A inteligência e a civilização, de Quintino Bocayuva.   |
| — Notícia sobre Quintino Bocayuva   | — O "Paiz", de Luis de Mendonça   |
| — Bocayuva, numa reminiscência de Nabuco  | — Uma noite feliz, de Quintino Bocayuva   |
| PAGINA 50:  | PAGINA 51:  |
| — Os Mineiros da Desgraça, drama de Quintino Bocayuva, de Machado de Assis  | — Correspondência de escritores, Carta de Quintino Bocayuva a Francisco Glycerio  |
| — Correspondência de escritores, Carta de Quintino Bocayuva a Francisco Glycerio  | PAGINA 52 e 53:   |
| PAGINA 51:  | — O testamento de Quintino Bocayuva — Para quando eu morrer   |
| — Bibliografia de Quintino Bocayuva, de M. L.   | — Correspondência de escritores, Carta de Francisco Glycerio a Quintino Bocayuva  |
| — Jornais em que Quintino Bocayuva trabalhou  | — Dois usurários em ação (De Os Mineiros da Desgraça) de Quintino Bocayuva  |
| — Sandália a 1905, de Quintino Bocayuva   | — Uma reminiscência de Quintino Bocayuva, de Machado de Assis   |
| — Bocayuva, na campanha da República, de Alcindo Guanabara  | PAGINA 54:  |
| PAGINA 52 e 53:   | — A grande missão, de Lauro Sodre   |
| — O testamento de Quintino Bocayuva — Para quando eu morrer   | — Correspondência de homens públicos, Carta de Assis Brasil a Simões Lopes  |
| — Correspondência de escritores, Carta de Francisco Glycerio a Quintino Bocayuva  | PAGINA 55:  |
| — Dois usurários em ação (De Os Mineiros da Desgraça) de Quintino Bocayuva  | — A Morte de Quintino Bocayuva. Dois discursos no Senado (Nilo Pecanha e Francisco Glycerio) e um discurso na Câmara (Raul Fernandes) |
| — Uma reminiscência de Quintino Bocayuva, de Machado de Assis   | — Quintino e a Academia, de M.  |
| PAGINA 54:  | PAGINA 56 e 57:   |
| — A grande missão, de Lauro Sodre   | — Quintino Bocayuva na chefia do Partido Republicano — Discursos de Campos Sales e de Quintino Bocayuva                               |
| — Correspondência de homens públicos, Carta de Assis Brasil a Simões Lopes  | — Explicação do suplemento  |
| PAGINA 55:  | — Incêndios, de Quintino Bocayuva   |
| — A Morte de Quintino Bocayuva. Dois discursos no Senado (Nilo Pecanha e Francisco Glycerio) e um discurso na Câmara (Raul Fernandes) | PAGINA 58:  |
| — Quintino e a Academia, de M.  | — Príncipe dos Jornalistas — Patriarca da República, de Afrânio de Melo Franco  |
| PAGINA 56 e 57:   |   |
| — Quintino Bocayuva na chefia do Partido Republicano — Discursos de Campos Sales e de Quintino Bocayuva                               |   |
| — Explicação do suplemento  |   |
| — Incêndios, de Quintino Bocayuva   |   |
| PAGINA 58:  |   |
| — Príncipe dos Jornalistas — Patriarca da República, de Afrânio de Melo Franco  |   |
|   | PAGINA 59:  |
|   | — Correspondência de escritores, Carta de Quintino Bocayuva a Rodolfo Alves   |
|   | — Alguns pontos sobre Quintino Bocayuva   |
|   | — Pontos principais da vida de Quintino Bocayuva,   |
|   | PAGINA 60:  |
|   | — Stéphane Mallarmé, — II — A Entrevista, de João Alphonsus   |
|   | — (Relevante) de Quintino Bocayuva  |
|   | — Sonho-a   |
|   | PAGINA 61:  |
|   | — Olegario Maranhão (nota, com um retrato de Leopoldina Celli)  |
|   | — Bibliografia da poesia de Olegario Maranhão.  |
|   | — Algumas fontes sobre Olegario Maranhão.   |
|   | — Um autógrafo de Olegario Maranhão — Mistério  |
|   | — Deslumbramento, de Olegario Maranhão  |
|   | — Felicidade, de Olegario Maranhão  |
|   | — Mística de Ventura, de Olegario Maranhão  |
|   | — O enterro da cigarra, de Olegario Maranhão,   |
|   | PAGINA 62 e 63:   |
|   | — Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. Segunda série — Antologia de — I — III — Olegario Maranhão;                       |
|   | — A Alegria da Vida   |
|   | — Conselho de amigo   |
|   | — Água corrente   |
|   | — As duas sombras   |
|   | — Os Elfos  |
|   | — A Canção da Saudade   |
|   | — Ovelha tremelhada   |
|   | — Evocação  |
|   | — O termo da jornada  |
|   | — Crepúsculo de D. Juan   |
|   | — Pastor de Esperança   |
|   | — Desalento   |
|   | — O Enamorado da Vida   |
|   | — O Milagre do Nordeste   |
|   | — A velha estrada   |
|   | — O que a vida leva   |
|   | — Pesca da chuva  |
|   | PAGINA 64:  |
|   | — O mito do Brasil-minino. Conferência de Elza Pacheco  |
|   | — O menino poeta, poema de Henriqueta Lisboa, com ilustração de Santa Rosa  |

# "OS MINEIROS DA DESGRAÇA" -- DRAMA DE QUINTINO BOCAUYUA — Machado de Assis

O nome que firma estas linhas assemelha-se este pouco, que então considerava, e continuava a considerar uma verdade sem contestação:

"O autor dramático não é ainda, entre nós um sacerdote, mas um crente do momento, que trouxer simplesmente o chapéu ao passar pela porta do templo. Ora e foi a caminho."

Se, além do mal enunciado, há algum demérito nestas palavras, é sem dúvida a repetição do que por mais de uma vez se tem dito a propósito deste assunto.

Os que assim se pronunciam não sentem que a nossa sociedade não falta em talento nem disposição para o teatro. Lida-se como casta da nossa pobreza, mas a parte das letras, a falta de estímulo e de auxílio.

Em minha opinião, os que assim se exprimem, não fazem mais do que reproduzir a realidade das coisas.

Não entrarei, por certo, na investigação do fato, nem procurarei demonstrar qual é esse estímulo que põe em desânimo as penas que mais habilitadas estão para o caso.

Uma coisa nos consola da deficiência de nossa literatura dramática, é que, se as obras que possuimos perdem na importância numérica, ganham muito no valor literário e moral.

Muito e mediocre não é, nunca foi riqueza. Pouco e bom, raro e superior, não sei que haja outra opulência melhor, a não ser a que reúne em alto grau as duas condições do número e do merecimento. Mas essa não é própria de uma literatura, que, como a nossa, começa a formar-se.

Se há, portanto, razão para entristecer na pouca vida do teatro nacional, de outro lado há motivo de contentamento, quando se vê que os frutos dessa pouca atividade são em grande parte bons e suculentos.

Um deles acaba de ser lançado à ansiedade pública, nessa ceia sublime, em que, como diz um escritor, Shakespeare: dá a comer e a beber a sua carne e o seu sangue.

O último drama de Quintino Bocayua, ao lado do mérito literário, respira uma alta moralidade, duplo ponto de vista, em que deve ser considerado e em que mereceu os sinceros aplausos dos entendidos.

E sempre belo quando uma voz generosa se ergue, em nome da inteligência e da probidade, para protestar contra as misérias sociais, com toda a energia de um caráter e de uma convicção.

E deve-se ter entusiasmo com a manifestação dessas convicções e desses caracteres em um tempo, em que tudo o que é elevado se abate e desmorona.

O drama, de que se trata, é um desses protestos. Os mineiros da desgraça, os que fabricam, à custa das lágrimas e da fome, o castelo da sua própria fortuna, os usurários, enfim, são a disformidade social, que o autor ataca de frente, sem curar de saber até que ponto essas entidades são aceitas pela sociedade.

Acetadas pela sociedade? Parece absurdo. Mas não é; são acetadas, acetadas mesmo; o que o poeta diz no seu drama, é a verdade, a verdade inteira; as comunidades que lhes põe ao peito não são resultado de uma fantasia; elas são comandadores, porque neste país maravilhoso, e neste tempo de milagres, remuneram-se todos os vícios, desde que todos os vícios pagam os pergaminhos das graças.

No enalço dessas entidades repulsivas veem outras, que, atravessando ligeiras o fundo do quadro, mal deixam sinais de si. Mas pertencem ainda ao número das que estão em oposição com a gente séria e honrada.

O autor teve largo campo para exercer a sua censura, e aproveitou-o bem. Retraiu o tipo, apresentando duas figuras — Vidal e Venancio. Vidal é o usurário dramático; Venancio é o usurário cômico. Ambos são hediondos; o gesto feio de um e o riso alvar de outro traduzem a mesma coisa. São o verso e o anverso da medalha; mas a medalha é a mesma. Eles seriam incompletos se não fossem hipócritas. Vidal e Venancio são hipócritas. Vidal finge-se o sal-

vador de uma família para dar poeira à sua sensualidade. Vidal engana no escolhido de sua futura mulher; lida-a, a ela própria. Venancio não é menos fingido que seu sócio. Em mais de uma ocasião dá provas de saber em alto grau a arte exigida para ser de sua profissão.

Com tais predicados, estas duas criaturas acham-se moralmente unidas; o interesse comercial os liga mais, ligando-lhes as firmas. Trabalham de acordo para encher o mealheiro comum; e Deus sabe como se enche o mealheiro da usura. O da firma social de Vidal e Venancio enche-se pelo empréstimo, pelo penhor e pela moeda falsa.

A figura obrigada dos dramas modernos, conhecida geralmente pelo nome de Desgenais, também entra no drama. Essa é sempre a parte do autor; é pela boca sentenciosa do moralista que o dramaturgo moderno lança as censuras aos vícios da sociedade.

O Desgenais da peça é rude e grave, franco e digno. Diz aquilo que pensa, porque tem a tato dos homens com quem lida, e sabe que a dignidade não é o traço distintivo deles.

O moralista é sempre audaz, por isso mesmo que representa a minoria da sociedade.

Em minha opinião, o moralista nunca pode deixar de ser uma figura de convenção. Entre nós, pelo menos. E' por isso que eu acho que não se deve exigir do autor as razões por que o fez orador ou não, e por que em tal ocasião não foi menos grave, e em tal outra, menos jovial. Ele é sentencioso, é quanto basta; ele censura, ele toca na chaga com a tranquilidade do médico, com isso nos devemos contentar.

Paulo é o amante enternecido, que, intrigado por Vidal, torna-se, depois de um período de anos, o flagelo vivo do usurário, desagregando a justiça na entrega que faz de um réu.

Paulo é uma alma elevada e um nobre coração. Caiseiro de João Vieira, honrado negociante, estima-o como se pai lhe fora. Isto nos dias da ventura como nos dias de infortúnio. E só o deixa no dia em que a intriga de Vidal os separa para sempre.

Elvira, a filha de João Vieira, é uma figura de que o autor pouco tratou, mas que não deixa de contribuir com o seu quinhão de bondade e virtude para o fundo do quadro sobre que ressaltam as duas figuras principais.

O peralvilho idiota e dissipador, o ministro influído pelo deus Empenho, a mulher que se encarrega nos salões de aproximar as almas tristes e desconsoladas, lá verá a sua própria fotografia. O autor as copia e apresenta sem perturbar as ações do seu drama.

A ação é simples, e caminha facilmente. Tendo conseguido casar com a filha de João Vieira e realizar uma rápida fortuna, Vidal, que não se deteve no caminho das misérias, que sempre levou, vê-se um dia diante de Paulo, a quem mais tarde deverá à moralidade e à justiça o seu desagravo.

Paulo, senhor do segredo da moeda falsa, correspondeu-se com Vidal na Europa, e um dia, havendo em mão tudo quanto é legalmente exigido, apresentou-se em casa de Vidal com os instrumentos da justiça, que se apoderam dele.

Maurício, o moralista, ofereceu um asilo à viúva do usurário, e tal é o desfecho do drama.

Tenho ouvido duas censuras. Versa uma sobre o desenlace, que se diz precipitado; a outra, é ainda sobre o desenlace, que deixa sobre o nome do filho de Elvira uma nódoa pela prisão de seu pai.

Não deixo de dar razão aos que acham que o autor preci-



Quintino Bocayua, em companhia do seu filho, o coronel do Exército Belarmino de Mendonça, da arma de Engenharia. A "foto" foi feita em 1890, em Montevideo, por ocasião do Tratado de Limites com a República Argentina

## CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

Carta de Quintino Bocayua a Francisco Glycerio.

Rio — 21 — Março 1888.

Meu caro Glycerio,

Sobre o contexto da tua primeira carta só agora te direi que a ocasião não era oportuna. Ninguém mais do que tu deseja e promove pelos meios ao meu alcance a realização do único desideratum, da única esperança que nos resta hoje como patriotas e como cidadãos. Sem jactância creio poder dizer que tenho espalhado todas as ocasiões e elementos para o fim de tornar possível o grande fato de que depende o futuro da nossa causa e o futuro da nossa pátria. Mas o momento ainda não chegou. Há de chegar, talvez mais brevemente do que se supõe. Saber esperar é também dar prova de agudeza política. E essa é entre outras uma das minhas pretensões.

Quanto ao assunto da tua segunda carta é tem menos importância do que parece. Os nossos correspondentes telegráficos não comprometem nem podem comprometer a responsabilidade editorial da folha. O de São Paulo achou razoáveis os fundamentos da não sanção do projeto relativo ao imposto dos 4000000; mas eu hei de ainda declarar que eles foram absurdos e contraditórios. Não o fiz ainda porque isso envolve a questão geral do programa atribuído ao governo e porque a próxima eleição do primeiro distrito desta capital tornará necessárias as explicações do Ferreira Vianna. Presumo que os meus correccionários vão obrigar-me ainda uma vez a ser candidato. Sou-lhe isto há divergência entre os nossos amigos. Entendem alguns que se deve rotar no Ferreira Vianna por pertencer ao gabinete que vai proclamar a abolição; entendem outros que os republicanos devem abster-se... A maioria, porém, do Congresso Municipal decretou que se pletasse a eleição que eu penso que continuamos no regime das embaçadelas e das palhas. A reserva e as meias palavras do gabinete tem por fim evidentemente enganar a alguém. A quem? A nós ou aos escurvistos. This is the question. O que é certo é que terel de suportar novos desgostos por parte dos amigos. Até aqui só eles me tem incomodado; dos adversários não tenho queixa. Do que ocorrer te darei parte.

O correccionário afectuoso

(Na correspondência de Quintino Bocayua, há muitas cartas assinadas assim com a inicial Q).



"Maquette" do monumento a Quintino Bocayua, a ser inaugurado este ano. Terá 11 metros de altura, sendo 6 da estátua e 5 do pedestal. É obra do escultor H. Leão Veloso, que se vê sentado na base, junto ao pé direito da estátua



piton o desfecho. O desfecho é tanto mais precipitado quanto que a ação só começa no terceiro ato, e os dois primeiros podem ser considerados o prólogo do drama.

Quanto à segunda censura, há de me perdoar: não acho uma censura séria. O poeta dramático tem o dever de copiar a parte da sociedade que escolhe, e ao lado dessa pintura por os traços com que julga se deve corrigir o original. O correctivo existe no drama; o autor nada tem que ver com as consequências desse correctivo. São eles verdadeiros! Dão-se na vida real? Sem dúvida que sim. E' quanto basta.

Os mineiros da desgraça, literariamente falando, é o que se pode chamar um belo livro; o estilo, fluente e brilhante; o diálogo, fiel e vivo; as cenas, bem dispostas e bem enredadas. Como alcance moral, é um

verdadeiro panfleto, onde muitas das excrecências sociais podem encontrar uma linha que tratará a seu respeito. O público, que o aplaude, mostrou estar agradado do modo por que se lhe falou. Tocou-lhe no íntimo porque se lhe falou a verdade, e, como diz o mestre da sátira moderna, rien n'est beau que le vrai.

Nutro um ardente desejo: é que o teatro nacional se enriqueça de obras como esta, e que os que sentirem dentro de si a fibra dramática, não a deixem palpitar em vão. O teatro é uma força, força como arte, força como moral; não a inutilizem que é inutilizar o futuro.

A sociedade dramática nacional devemos a exibição desta. Os seus diversos papéis foram desempenhados com mais ou menos relevo. (Diário de Rio de Janeiro — 24 de Julho de 1861.)



# Bibliografia de Quintino Bocayuva

Uma tarefa é organizar uma biblioteca exata de Quintino Bocayuva. Seus livros estão dispersos em muitas bibliotecas, em particular na Biblioteca Nacional. Outros estão em coleções particulares, e muitos outros em arquivos. A tarefa é organizar uma biblioteca exata de Quintino Bocayuva.

**CRÍTICA LITERÁRIA:**  
— *Estudos críticos e literários*, volume primeiro, Rio, 1932.  
— *Estudos críticos e literários*, 1890-1932. Dois volumes, Rio, 1932.  
— *Bibliografia romântica*, revista mensal por uma associação de homens de letras, Rio, 1893.

**POESIA:**  
— *A Lírica Nacional*, Rio, 1893.  
— *«É uma vel. linha de poesia de vários autores»*.  
— *Sacramento Blake da notia* de que existe da autoria de Quintino um poema em seis cantos, intitulado *Gonçaga*. Também informa que Quintino fizera uma tradução do *Estudante de Salamanca*, de Espronceda.

**ASSUNTOS SOCIAIS E POLÍTICOS:**

— *Sofismas constitucionais ou o sistema representativo entre nós*. Estudos histórico-políticos, divididos em quatro partes. (Esta obra em 1930 estava em vias de entrar para o prelo).

— *A Opinião e a Carta*, 60 páginas, in-8°. Publicado em Porto Alegre em 1931. (Este escrito saiu sob o título de *Jornal de um Democrata* em dois números).

— *A Comédia Constitucional*. Panfleto político. Rio de Janeiro, 1931.

— *A Opinião e a Carta*, por Flomem 23 páginas, in-8°. Rio de Janeiro, 1931.

— *Os nossos homens*. Retrato político e literário de Silva Paranhos, in-8°, com o retrato do Conselheiro Paranhos. Rio de Janeiro, 1934.

— *Impugnação ao protesto do sr. Visconde de Itaipubonilha*, in-4°, 19 pags. Rio de Janeiro, 1934.

— *Condição dos repressos do Ord. Im-1933, da Brasil do Val: dos Beneditinos acordados junto às auras potências meca*. — in-4°. Rio de Janeiro, 1933.

— *A crise da lavra*, Sécunia exposição. Rio de Janeiro, 1933.

— *Guerra do Paraguai. A nossa fase*. — Carta a um amigo par. — Rio de Janeiro, 1932.

— *A batalha do Campo Grande, quatro histórias*. (Carta a Pedro Américo, publicada na *República* de 10 de outubro Rio de Janeiro, 1931).

— *As Constituições e os Poderes do Rio da Prata*. Conferências. 1ª parte Rio, 1930.

— *União federal republicana*. Apresentação do candidato escolhido pelos republicanos em assembleia geral do Partido a 15 de dezembro de 1931. Discurso proferido pelo

cidadão Quintino Bocayuva.

Rio de Janeiro, 1931.

— *Confederação abolicionista. A segunda fase*. Discurso proferido no teatro Politeama em 3 de abril de 1887. Rio de Janeiro, 1887.

— *Os Chins*. Sécunia exposição. No *Jornal do Comércio* de 6 de setembro de 1892, ocupando quatro colunas.

— *Relatório apresentado ao generalissimo chefe do Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1891.

— *Tratado de Arbitramento*. Relatório apresentado ao generalissimo chefe do Governo Provisório, por... Ministro e Secretário de Estado das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, 1891.

## Jornais em que Quintino Bocayuva trabalhou:

Sacramento Blake forneceu a seguinte lista de jornais que, sozinho ou em companhia de outros, Quintino Bocayuva redigiu ou publicou:

— *O Azulejo*. Jornal literário. São Paulo, 1892-1893.

— *A Hora*, in-4°. Com Ferreira Vianna. São Paulo, 1892-1893. Foi a estreia de Quintino na propaganda republicana.

— *Dário do Rio de Janeiro*. — Fundado por Zefirino Vitor de Meireles. Teve vários redatores e, segundo estes e as épocas teve várias cores políticas. Citam-se, entre os seus redatores, José de Alencar, Ferreira Vianna, Saldaña Marinho, Quintino Bocayuva e, por último, Augusto de Carvalho.

— *A República*. Órgão do Clube Republicano. Rio de Janeiro, 1870-1873.

— *O Globo*. Rio de Janeiro, 1873.

— *O País*. Rio de Janeiro, De 1834 em diante.

## SAUDAÇÃO A 1905

Quintino Bocayuva

Estamos no novo ano e já agora sob o peso dos anos já passados e das amargas decepções sofridas, não há mais para nós nem esperanças nem sonhos. Estas duas irmãs gemêas só sorriem a mocidade não a velhice em que já estamos!

(Da correspondência com Gabriel da Cruz — Apud Múcio Leão — Quintino Bocayuva)



Quintino Bocayuva, em companhia do seu genro, dr. Godofredo Xavier da Cunha, em Montevideo, em 1890

## NO CAPITÓLIO - QUINTINO BOCAUYUVA

Triunfante em toda a linha, embriagado pelas suas sucessivas vitórias, orgulhoso pelos resultados surpreendentes de sua habilidade política, o honrado sr. presidente do conselho, o ilustre sr. Visconde de Ouro Preto acredita haver, de um ao outro, assegurado o trono nos seus alicerces e a sua estatua no pedestal da imortalidade. Moisés fez brilhar a linha de um rochedo para acimar a sede do seu povo; o sr. presidente do conselho fez brilhar do trono, ate então árido e seco, a caudal corrente de ouro, onde se descastram avidos e azequosos, os camponeses, os amigos de S. Excel., encançados diante do prodígio e enaltecendo os hinos do seu contentamento em verdadeira exaltação, diante da grandeza do gênio do estadista sem par cuja glória vai ser perpetuada em um simplo plástico.

Sob o ponto de vista artístico e decorativo estamos longe de desapreciar essas comemorações concortas que se corporificam em monumentos ostentosos, sempre admiráveis como obras de arte, quando são confididas a bons artistas. Mas sob o ponto de vista moral merecem-nos muito mais apreço as estatuas arruinadas dos cidadãos modestos, laboriosos, honestos, patrióticos, que são para a geração do seu tempo exemplo vivo de sólidas virtudes e cujo nome projeta-se na história como um raio luminoso, afogando a memória e a consciência dos políticos, quando contemplam na observação serena dos fatos, a influência moral exercida por esses heróis abençoados — símbolos sagrados que se tornam o patrimônio comum das gerações sobreviventes.

Enriquecer não é certamente nem a única nem a mais nobre preocupação do homem; e tratado-se de uma nação não é certamente a riqueza a melhor garantia do seu poder e de sua glória.

A história nos oferece disso mais de um exemplo. Nações favorecidas pelos mais surpreendentes progressos materiais tecm tidos as suas entranhas corroídas pela pior das corrupções e se não esboçaram, apesar da sua opulência e da sua grandeza. O espetáculo a que assistimos revela bem qual é a índole da política liberal do gabinete presidido pelo sr. Visconde de Ouro Preto, e sejam quais forem as suas aparentes vitórias, seja qual for o grau do entusiasmo artificial dos seus adoradores, será bem cedo o que não veja transuzir no horizonte da pátria a estrela solitária do patriotismo ainda meio encoberta pela caligem das ambições revoltas que sobem até o trono como um vapor espesso e sufocante, mas luz que há de espantar as trevas desta situação, preta na sua índole e na sua expressão, nos seus desígnios e nos seus atos, até sanificar pelo influxo dos seus raios a atmosfera empestada que nos rodeia.

A hora presente é a do triunfo; a hora sucessiva há de ser a da sua derrota.

Hoje no Capitólio; mas amanhã na rocha Tarpéia, o sr. visconde de Ouro Preto não é e não será mais do que a sinistra reprodução de outros tipos idênticos dos quais guarda a história a mais execrável memória.

(O País — 14-11-1893).

## Bocayuva, na campanha da República

Alcindo Guanabara

Sereno, frio, firme, anos e anos, Quintino entregou-se a um apostolado que melhor se exercia pela crítica do regime existente que pela proclamação das vantagens daquele pelo qual pugnavam. De uma extrema curtosão de mercedos, de uma impenetrável cortesia, nunca de sua pena distillou um ataque grosseiro, uma frase que pudesse manchar penosamente o adversário; e, entretanto, ninguém lhe podia fazer mal maior, do que a inflexão do erro ou do desvio feita ao modo de levar a conexão deles, as próprias ou as pretensas. Quintino corrigiu no seu tempo a idia

da República. A propaganda republicana encontrou nele o seu abnegado diretor. Nas grandes crises do Brasil, ainda uma vez o dipto, a espada e a pena foram encontradas juntas. Assim, não foi para ninguém surpresa ver, na manhã de 15 de novembro, ao lado da figura gloriosa de Deodoro, o tipo sereno do jornalista que emprestara toda a sua vida na defesa da idia que assim virgara.

(Discurso pronunciado na A. B. T., em 16-9-915, inaugurando os retratos de Esquivel, Ferreira de Araújo, Patrocínio e Quintino).



Quintino Bocayuva em seu gabinete de trabalho, em sua casa da "Escolha Dr. Franjin", hoje "Quintino Bocayuva", da E.F.C.B. — "Foto" dos últimos tempos

## O testamento de Quintino Bocayuva

**PARA QUANDO EU FALÇA**  
— Pouco me sucede que eu faleça e, portanto, ou em condições de não poder exprimir as minhas últimas vontades, deixo escritas estas instruções, cuja execução recomendo às pessoas da minha família e cujo cumprimento rogo às pessoas estranhas, entre as quais, por acaso, eu venha a faltar.

Desse je se sepultado no cemitério mais próximo do lugar onde eu falecer, em honras civis ou religiosas de nenhuma espécie.

Se eu falecer na cidade do Rio de Janeiro e na minha residência habitual, deixo ser enterrado no cemitério de Jacarepaguá.

Se eu falecer em Pindamonhangaba, deve meu corpo ser sepultado no cemitério desta cidade.

A condução de meu corpo neste caso, deve ser feita por camaradas da fazenda de Sta. Helena (reis ou oitos), a cada um dos quais se abomará a gratificação de dez mil reis. Devo ser sepultado em cova rasa, sobre a qual não se fará lapide ou qualquer outro símbolo material que recorde a minha existência.

Em nenhuma hipótese faleça eu onde falecer, o meu corpo será embalsamado ou conservado por qualquer outro processo.

Minha família não fará anúncios ou convites para meu enterro nem tão pouco mandará dizer missas por minha alma, conforme o estilo comum da nossa sociedade.

Na minha qualidade de maçom e livre pensador não tenho direito aos enterros da Igreja católica romana.

Pouco ter sido intimamente cristão e suponho que o cristianismo na sua pureza de origem e ainda um ideal afastado da humanidade nos tempos que correm.

O meu enterro deve ser decente mas simples; não quero armadilha de cera na minha casa nem encenar nação de nenhum padre, ainda que algum se ofereça para isso. Fim do prazo legal os meus despoços deva ir para o casarão comum.

Mais ou menos é este o resumo das minhas disposições testamentárias.

Rio de Janeiro, julho de 1907.  
— Q. Bocayuva.

### Correspondência de escritores

Carta de Francisco Glycerio a Quintino Bocayuva

5 de março 1888 — Quintino

— Rio.

Minha intenção era vir do Rio da Prata em direção ao Rio, mas não me foi possível dirigir assim a minha viagem. Então convertemos a vontade. Não sei o que terá acontecido no Rio, por causa da questão militar. Pois bem, o que eu venho dizer-te é que o tempo está chegando: Você deve agora dirigir qualquer movimento militar no nosso sentido, e dar o golpe decisivo, logo que contarmos elementos de sucesso. Vire o golpe aí, que São Paulo e o Rio Grande respondem imediatamente. O resto e sorte e da sorte da República eu não tenho medo. Tens companheiros? Não sei nem quero saber, porque acho que é bastante a tua pessoa. Em seguida "ao fato", vem os homens. Já mais serão tantas correntes favoráveis como no momento atual. Não perder o nosso ensejo que surgiu no Rio de Janeiro, eis tudo. Isto vai registado, para segurança na entrega. Fico aguardando as tuas comunicações e avisos.

Am.

FRANCISCO GLYCERIO

## DOIS USURÁRIOS EM

PERSONAGENS QUE ENTRAM NAS SELEÇÕES

ELVIRA, filha de João Vieira. ERNESTO. MARIA. MULHERES CASADAS.  
PAULO, guarda-livros. VENANCIO, usurário.  
VIDAL, idem.  
OLIMPIA O CONSELHEIRO.  
MAURICIO, jornalista.

João Vieira ficou arruinado. Salva-o duma penhora mandada fazer por Venancio — um dos credores — o usurário Vidal. Não foi um ato desinteressado: em breve se desmascara. Por meio da intriga indisposo Vieira com Paulo — um verdadeiro amigo e futuro genro — e assim consegue casar com sua filha Elvira. Vieira morre de desgosto. Paulo decide vingá-lo e arranca a sua amada das mãos de Vidal. Descobre que o usurário passava moeda falsa. Consegue, sem que ele o suspeitasse, ser seu correspondente e lança-se em sua procura. Entretanto Vidal unido com Venancio exercem a sua profissão.

Sala de descanso em casa de Venancio... é noite, lá baila. Ouve-se música.

### ERNESTO E VIDAL

VIDAL — Estimo encontrá-lo só, sr. Ernesto.  
ERNESTO — Estou às suas ordens.  
VIDAL — O senhor é um moço que não tem amor à sua reputação.

ERNESTO — Por que, sr. Vidal? Por que não pude ser-lhe agradável a respeito do seu negócio?

VIDAL — O senhor tem bonitas palavras, mas são elas um tanto obscuras. Eu me explico melhor...

ERNESTO — Não é necessário; sei no que se refere, e, amanhã, sem falta...

VIDAL — Amanhã! O senhor supõe-me uma criança? calcule-me e quer escarnecer-me.

ERNESTO — Sr. Vidal!

VIDAL — Moço, não grite, porque de nós dois sou eu quem aqui tem o direito de elevar a voz. Sabe que depende de mim, sabe que o tenho em minhas mãos, seja humilde.

ERNESTO — Em resumo, sr. Vidal, não é este o lugar próprio para tratarmos de negócios: em minha casa...

VIDAL — Em sua casa! De que me serve isso, se se esconde quando o procuram? Se evita os seus credores, mentindo!

ERNESTO — Pois bem, daqui a pouco... Mas, sr. Vidal, é uma violência e uma maldade o que pratica consigo. Sabe que se lhe não pago, é porque não tenho dinheiro.

VIDAL — E' muito boa razão, mas não me serve. Estou cansado de esperar. Sabe o que significa este papel?

ERNESTO — Sei: é a letra que lhe passai.

VIDAL — Pois hoje significa a deshonra. Tenho a lei de meu lado, tenho a justiça e o direito...

ERNESTO — Isto é, a justiça do saltador, que saqueia o viandante.

VIDAL — Engana-se: é a justiça do negociante que vende a sua mercadoria e pelo preço que conveniou.

ERNESTO — Vou ver se consigo pagar-lhe já. Pedirei a soma emprestada a algum amigo.

VIDAL — Val, e lembre-se que amanhã se decide este negócio. (Sai Ernesto).

VIDAL (So) — Preciso desenvolver-me destes deveres insustentáveis. São uns miseráveis que vivem do que roubam ao nome de bem que se fã neles. Enquanto tinha um emprego, ainda, ainda, dava-me a procuração para receber os ordenados, e o prejuízo não era tão grande. Mas o governo, demitindo-o, levou os meus interesses.

### ENTRA OLIMPIA

OLIMPIA — Sr. Vidal...

VIDAL — Minha senhora...

OLIMPIA — Eu estava naquele gabinete e ouvi tudo.

VIDAL — Nada tenho com isso, minha Senhora.

OLIMPIA — O senhor sabe que esse moço é um dos nossos amigos: sua família está ligada à minha pelos laços de uma amizade sincera; peço por ele, não o perca.

VIDAL — Não pode ser, minha senhora. Tenho sido vítima dos meus pagadores.

OLIMPIA — No entanto, é preciso que o senhor o salve, por força. Seja bom para comigo: veja em que lhe posso valer, diga-me o que quer que eu faça para evitar essa desgraça.

VIDAL — Esse moço é seu irmão?

OLIMPIA — Não.

VIDAL — Seu parente?

OLIMPIA — Também não.

VIDAL — Parente de seu marido?

OLIMPIA — Não me cante com perguntas; faça o que lhe rogo e a minha gratidão será eterna.

VIDAL — Minha senhora, se eu for amanhã a um banco com a sua gratidão não tiro dinheiro nem a 50 por cento.

OLIMPIA — Oh! o senhor é uma alma de gelo!

VIDAL — Pois a sua, minha senhora, apesar de tudo quanto diz, não parece ser de fogo pelo seu protegido. A senhora pode salvá-lo, uma vez que... tanto se empenha por ele. Por exemplo: tem sobre o seu braço uma pulseira, equivalente ao valor da dívida.

OLIMPIA — E o senhor quer que eu lhe dê a pulseira?

VIDAL — Eu não quero; a senhora é quem quer tudo.

OLIMPIA — E o que direi a meu marido? E' um roubo o que me propõe.

VIDAL — E o que direi a senhora ao seu marido, se ele lhe perguntar a razão do seu vivo interesse por esse moço?

OLIMPIA — Basta, senhor; não junte o insulto à ignomínia. Aqui tem a joia que cubiquei, já que o senhor explora uma desgraça em seu proveito.

VIDAL — Que cubiquei, não, senhora; que se digna entregar como penhor pela dívida de um amigo.

OLIMPIA — Retiro-me, senhor; e ao menos... seja generoso. (Sai a sair).

VIDAL — Uma palavra, minha senhora; se lhe perguntarem a pulseira, responda que... responda que a perdeu. (Sai Olimpia). Ao menos, não perca no negócio. (Sai).

### ENTRAM VENANCIO E ERNESTO

ERNESTO — Salve-me deste agouro, sr. Venancio, accito todas as condições.

VENANCIO — Impossível, meu amigo, impossível! Na atualidade estou sem capitais.

ERNESTO — Tenha consideração de uma desgraça: veja que se não houvesse chegado ao desespero não o incomodaria.

VENANCIO — Oh! eu sei, eu sei que só os desesperados vem ter comigo.

ERNESTO — Pois bem, salve-me.

VENANCIO — Sr. Ernesto, sabe que eu sou amigo dos rapazes e que se não lhes presto algum serviço, quando, como presente, acho-me impossibilitado. Asseguro-lhe que não tenho um vintém disponível: procure ao seu credor, peça-lhe alguma demora. O senhor está fantasiando o caso muito sério e afilado de contas, vão ver, e alguma exigenciazinha que se aplaca com quatro palavras.

ERNESTO — Asseguro-lhe que não. E' um negócio grave. Amanhã, se não satisfizer a divina, estou perdido, deshonrado.

VENANCIO — Homem! o caso é assim? Já vejo que tem razão.

Que infelicidade! O senhor veio procurar-se justamente numa ocasião diabólica! Eu não lhe posso valer, sr. Ernesto.

ERNESTO — Oh! então, é uma desgraça sem remédio!

VENANCIO — Afflige-me, vê-o assim. Eu sei que isso é uma contrariedade cruel e é aqualitando o seu sofrimento que mais arrengo o não lhe poder servir. Mas, enfim, vou tentar o último recurso. Se falhar, estamos mal.

ERNESTO — Qual é ele?

VENANCIO — Eu tenho um amigo que nos pode valer. Mas é um homem dos diabos! Acoselho-lhe que não se meta com ele. E' um homem de palavra, e se o senhor lhe falar com o pagamento no dia fatal, é capaz de um desatino. Eu posso falar-lhe... posso; mas olhe que é negócio de sacrifício; não se comprometa.

ERNESTO — Mas, se cheguei no último apuro!

VENANCIO — Vamos lá! Quero provar-lhe que me interesso pela sua sorte; e asseguro-lhe que se pelo senhor me animo a dar semelhante passo. Não gosto de ter negócios com esse indivíduo, mas enfim... o senhor está desempregado, não é verdade?

ERNESTO — E' certo.

VENANCIO — Pois precisa de um emprego, precisa de um emprego. Tenho relações com um ministro e vou fazer pelo senhor o que nunca fiz por ninguém: pedir um favor ao governo. Olhe, temos aqui, felizmente, papel, pena e tinta. Passe-me um papelzinho de depósito, na importância total da quantia que deseja. E' só para dar maior segurança ao homem... E depois passe-me também uma procuração para receber os seus ordenados no tesouro, descontando, já se sabe, o prêmio, etc., etc.

ERNESTO (à parte) — Estes miseráveis aproveitaram-se de tudo! (Alto). Mas que ordenados se não tenho emprego?

VENANCIO — Já lhe disse que eu lhe arranjava e eu sou homem de palavra. Quer o dinheiro já ou amanhã? Tenho aqui algum, que não é meu, e que ainda há pouco deram-me para entregar.

ERNESTO — Como queira.

VENANCIO — Pois então, tome lá e seja feliz.

ERNESTO — Apesar de tudo... muito obrigado. (Vai sair).

VENANCIO — Venha cá, senhor Ernesto, quero ouvir dos seus lábios uma confissão.

ERNESTO — Qual?

VENANCIO — Sou ou não sou seu amigo?

ERNESTO — Um amiguinho! Deixe estar, sr. Venancio, peça a Deus que me dê vida, saúde e fortuna e eu lhe provarei que sou amigo de suas fúrias.

VENANCIO — Muito obrigado, muito obrigado. (Sai Ernesto).

### ENTRAM MAURICIO E PAULO

MAURICIO — Oh! Sr. comendador.

VENANCIO — Sr. Mauricio, meu senhor...

PAULO — E' ainda a mesma figura repulsiva?

MAURICIO — Que há de novo, sr. comendador? Ovi dizer que a praça estava em sobressalto e lá representei ao governo.

VENANCIO — E' verdade, meu amigo, fala-se nesta horrível asneira. E' a agitação, meu amigo, a agitação, a ruína, a desgraça, a guerra aos capitais, o horror aos homens que posam alguma coisa.

MAURICIO — Esta é gulante! Os que têm capitais em risco são os negociantes; os negociantes é que representam, como é que o senhor diz ser a guerra contra os capitais?

VENANCIO — Quis negociantes, meu carol! Olhe, sr. Mauricio, digo-lhe aqui muito em segredo, e não se comprometa, e a agitação, são os especuladores que estão turvando as águas. Pois o senhor compreende que homens de fortuna tenham o pouco juízo de se opor a um governo? Está enganado, meu amigo, está enganado. A fortuna é a paz, a paz é a ordem, a ordem é o governo, quem quer que este seja, logo...

MAURICIO — Logo o senhor é um sábio, sr. Venancio!

VENANCIO — Não me vex, por quem é, sr. Mauricio.

MAURICIO — Não, sou franco: conheço poucos homens que tenham um bom senso tão perfeito.

VENANCIO — Depois, veja o senhor, é a ruína do país, e a miséria ameaçando a sociedade. E' uma loucura arrebatada, não cessa de dizer que a verdadeira política é a política do governo.

MAURICIO — Seja então o absolutismo, a república ou a constituição, não é verdade?

VENANCIO — Exatamente, meu amigo; compreendeu-me: a autoridade é a lei, a lei é a justiça, e a justiça é o que diz o ministro.

MAURICIO — E nada mais: estamos de acordo, sr. Venancio.

VENANCIO — Dão-me licença?

MAURICIO — Pois não, Sr. Venancio.

MAURICIO — Ouvi?

PAULO — Ouvi.

MAURICIO — Responda-me com franqueza; lá pela Europa encontram muitas consciências destas?

PAULO — Algumas.

MAURICIO — Pois nós aqui temos-las também, e boas. O sr. Venancio é um exemplar bem encadernado da inextinguível edição dos políticos que tem o patriotismo e a moral febrada na sua berra.

PAULO — O miserável não se modificou, está o mesmo.

MAURICIO — Conserva-se, conserva-se.



# AÇÃO — (De "Os Mineiros da Desgraça") — QUINTINO BOCAIUVA

## ENTRA O CONSELHEIRO

O CONSELHEIRO (apressado) — O sr. comendador, está aqui?

MAURICIO — Oh! sr. conselheiro, estimo encontrá-lo. Já me apresentou a V. Excia. e não posso actuar. Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo sr. Paulo Durval, que pretendia...

O CONSELHEIRO — Ah! sim, sim; está servido. Então mais uma vez a honra de a desagradação. O senhor é da família.

PAULO — Perdão, Exmo., eu não requeri lugar algum.

O CONSELHEIRO — Ah! quero dizer, os seus papéis estão prontos. Não quero de enfiar nem de demorar as partes. Quando posso fazer está feito, e quando não posso... não posso.

PAULO — V. Excia. equivoca-se. Não tenho também papéis prontos.

O CONSELHEIRO — Então o que me dizia o sr. Mauricio?

MAURICIO — Dizia eu a V. Excia. que o meu amigo pretendia a honra de ser-lhe apresentado para lhe entregar um tratado que trouxe da Europa, a respeito da colonização do Brasil.

O CONSELHEIRO — Pois quando quizer, quando quizer; na semana ou em minha casa, estou às suas ordens. Por hoje limito-me apenas a doar algumas contradições: até logo. (Sai).

MAURICIO — Viu?

PAULO — VI.

MAURICIO — Chama-se a isto um ministro atrapalhado pelos empenhos, e que para livrar-se de importunações, adota a expediente de dar a todo o mundo por contentado, mesmo quando não ninguém lhe pediu.

PAULO — E' possível a sorte do nosso país, meu amigo. Esta é esta sociedade? Não há inmensa aqui?

MAURICIO — Há e alguns jornais também.

PAULO — E a que fazem?

MAURICIO — Que fazem?... Homem, não faz nada.

PAULO — Mas não escrevem ao menos?

MAURICIO — Escrevem.

PAULO — E que conseguem?

MAURICIO — Conseguem fazer ao fim do ano dois ou quatro votos honorários!

PAULO — E' triste. Há em tudo isto um defeito.

MAURICIO — Há, e não sabe onde ele reside?

PAULO — Não.

MAURICIO — Ah! Demora-se?

PAULO — Demora-me. Vou fumar.

MAURICIO — Pois eu já volto, porque decididamente quero conhecer a monstro. Sei que está no baile, mas ainda não pude vê-lo.

## ENTRA MARIA

MARIA (a Mauricio) — Então que é isto? Retira-se porque me vê?

MAURICIO — Não, senhora, retirava-me para vê-la.

MARIA — Já falou com meu marido?

MAURICIO — Ainda não.

MARIA — Pois ele quer falar-lhe.

MAURICIO — Vou procurá-lo então.

MARIA — Até logo.

MAURICIO — Até já. (Sai).

PAULO — Minha senhora!

MARIA — Então, senhor, se não venho procurá-lo, não se enoja por ver-me?

PAULO — Como já tive a honra de cumprimentá-la...

MARIA — E basta isso? Sabe que tenho uma noiva de sua idade?

PAULO — Ignoro-o.

MARIA — Não gosta da nossa sociedade?

PAULO — Porque o supõe?

MARIA — Porque o acho triste e contrariado.

PAULO — Sobram-me razões para isso. Nestas salas não há uma figura estranha?

MARIA — Por que?

PAULO — Porque o sou. Sem relações, sem amizades, sem títulos, por consequência, posso porventura concorrer com tantos cavalheiros amáveis e queridos?

MARIA — Põe. Tem todos os predicados para vencer.

PAULO — O caso de que esteja apaixonado?

MARIA — Não, senhora.

MARIA — Então, conheço já a sua moléstia.

PAULO — Qual é ela?

MARIA — A necessidade de amar.

PAULO — Talvez.

MARIA — E há-de ser amado também.

PAULO — E há nos seus salões remédio para esse mal?

MARIA — Sim; como em todos os salões. Acha-nos a todos tão teias que não possamos inspirar um sentimento desses ao coração?

PAULO — Ao contrário. Mas as preferências?

MARIA — Conquistam-se.

PAULO — E' tão difícil?

MARIA — E' tão fácil! Olhe, tenho uma amiga que sofre de moléstia igual à sua. Se a conhecesse, amava-a.

PAULO — E' possível.

MARIA — E' certo. Quer conhecê-la?

PAULO — Com muito prazer.

MARIA — Pois espere-me aqui. (Sai).

PAULO (só) — Pobre mulher! Envenenada ao contacto da sociedade maldita que frequenta, distila de seus lábios a corrupção que lhe infiltraram na alma!

## ENTRAM MARIA E ELVIRA

MARIA — Quero apresentar-lhe a um moço que não conhece e a quem deves conhecer.

ELVIRA — E' bom?

MARIA — E' bonito!

ELVIRA — E que me importa isso? E' teu amigo?

MARIA — E'!

ELVIRA — Pois será esse o seu único título para mim.

MARIA — Sr. Durval.

ELVIRA — Ah!

PAULO — Minhas senhoras.

MARIA — Que tens?

ELVIRA — Nada.

MARIA (a parte) — Entendo. Ainda sou muito simples! (ouve-se um suspiro). Ah! que vou perder a minha valsa. Elvira, eu já volto. (Sai Maria).

PAULO — Elvira!

ELVIRA — Paulo!

PAULO — Bem vêes que há suplicios eternos!

ELVIRA — Bem vêes que as dores não matam!

PAULO — Lembravas-te de mim?

ELVIRA — Não me esqueceste?

PAULO — Os anos passaram, mas a memória do coração ficou naquela casa modesta, onde vivemos ambos os melhores anos da vida! Pobre Elvira!

ELVIRA — Mais desgraçada do que supões! Ligada por laços indissolúveis ao veredicto da minha felicidade, ao assassino de meu pai, sofro como uma escrava o jugo que a sorte me impôs! Ah! minha mãe! minha mãe!

PAULO — Detem tuas lágrimas, Elvira; vim de bem longe para salvar-te, porque o coração me dizia que eras desgraçada e porque eu pude saber parte dos teus infortúnios!

ELVIRA — Saberás muito, mas não sabes tudo! Compreendes o que é ser uma filha sem pai? Uma amante sacrificada nos braços dum monstro, repulsivo de forma e hediondo de caráter? Sabes o que é ser esposa dum senhor a quem se detesta? Mãe dum filho, a quem se deve, a quem se não pode deixar de amar, embora cada carícia sua, cada gesto, cada traço do semblante, cada palavra, a todo instante, recorde, retrate, a imagem do carrasco da nossa vida? Ah! não sabes!

PAULO — Mas eu te salvarei, Elvira!

ELVIRA — Impossível, meu amigo. Ninguém evita o seu fado.

PAULO — O excesso da dor esga-te o coração. Crê, espera, Elvira, porque a crença é o bálsamo santo da alma, e a esperança a luz que nos guia. Não é só o coração que me impels, é o dever. Eu concorro, por minha loucura, para a tua desgraça; devo, preciso salvar-te. O homem que te possui é indigno de ti e indigno da sociedade. E' um monstro de crimes, sordido de caráter, vil e infame.

ELVIRA — Se não embora, meu amigo, nem por isso deixo de pertencer-lhe. O dever e a religião ligaram-me a ele, só a morte nos poderá separar.

PAULO — Não; porque nem a sociedade nem Deus nos podem querer um sacrifício dessa ordem. Arrancar-te-ei de seus braços. Procurar-te-ei um asilo honesto e seguro.

ELVIRA — Não; o sacrifício que fiz por meu pai, ficaria nulo.

PAULO — Mas o teu marido é indigno de ti, se é um infame criminoso!

ELVIRA — Não, Paulo, é o pai de meu filho!

## ENTRA VIDAL

VIDAL — Quem é o senhor?

ELVIRA — Ah!

PAULO — Um homem que o despreza e que o odeia.

VIDAL — E' natural. Na situação em que seu insulto me coloca, eu não sou sou um homem, sou um marido! E o senhor, naturalmente, é um desses ridículos gaminhos que tem por ofício explorar a inexperiência ou a perversidade das mulheres facéis. O senhor odeia-me e justo, sou seu inimigo natural! O senhor despreza-me, não precisava dizê-lo, porque os ladrões da sua espécie só assaltam a honra daqueles a quem desprezam!

PAULO — Previno-o de que um insulto mais pode custar-lhe caro.

ELVIRA (baixo) — Paulo!

VIDAL — Ainda não. O senhor é o eu supõe-se valente... Na sua idade é um delicto comum... em que se não repara. Talvez a custa de alguma subscrição, talvez a custa da minha própria bolsa, mandaram-no viajar à Europa e veio de lá, moralista de espada ou de pistola, a querer definir pontos de honra e a solver as dificuldades com um tiro ou uma estocada. Há de ser isso. Pois, meu senhor, declaro-lhe que está noutra mundo, que aos meus olhos, como aos olhos de toda a sociedade, o senhor é ridículo e infame.

PAULO — Miserável! Abusa da tua velhice!

VIDAL — E quanto a honra, se não se convergonha, não trema. Levante-se do pó, mas quer voltar à sua origem. Volte. E' lógico, é fatal. As mulheres que se deshonram aviltam-se. Vámas, senhora, por ora, pertence-me ainda.

ELVIRA — Vámas.

## ENTRA MAURICIO

MAURICIO — Oh!

PAULO (querendo acompanhar Vidal) — Um insulto a essa mulher, velho cínico, é a tua ruína. Eu a acompanho, minha senhora.

VIDAL — Vámas, senhora, que não quero arrastá-la.

MAURICIO — Meu amigo, acalme-se. Ele está em seu direito.

PAULO — Mas hei de segui-lo.

MAURICIO — E' uma imprudência, um escândalo e um atentado.

PAULO — Tens razão; posso compromettê-la.

MAURICIO — Afinal, é seu marido.

PAULO — E; mas tudo isso não evita que eu vá buscá-lo.

MAURICIO — Não faça isso, meu amigo, porque pode ter funestas consequências.

PAULO — Nenhuma assusta ao meu desespero.

MAURICIO — Mas diga-lhe eu que é uma loucura! Os resultados hão de ser atrozes, incalculáveis! Não imagine!

PAULO — Quais? Um duelo, uma luta de morte? Tanto melhor.

MAURICIO — Não; não é capaz disso; mas avalia a ofensa em dois ou três contos de réis, toma testemunhas e pede reparação do dano.

PAULO — Então, é sempre um miserável!

MAURICIO — Não senhor, é sempre um capitalista.

(Paulo acaba por executar a sua vingança. Vidal e Venâncio são presos, Elvira será entregue a uma família onde encontrará um abrigo tranquilo).



Quintino Bocayuva, ao tempo em que era vice-presidente do Senado Federal.

## Uma reminiscência de Quintino Bocayuva

Machado de Assis.

Uma noite, como saíamos do Teatro Ginásio, Quintino Bocayuva e eu fomos tomar chá. Bocayuva era, então, uma gentil figura de rapaz, delgado, tez macia, fino bigode e olhos serenos. Já então tinha os gestos lentos da hoje e um pouco daquele ar DISTANT, que Taine achou em Merimée. Disseram coisa análoga de Chateaubriand, e alguém ultimamente definiu como TRÊS REPUBLICAIN DE CONVICTION ET TRES ARISTOCRATE DE TEMPERAMENT. O nosso Bocayuva era só a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicanismo convicto. Ao chá conversamos primeiramente de letras, e pouco depois de politica, matéria intraduzida por ele, e que me espantou bastante: não era usual nas nossas práticas. Nem é exato dizer que conversamos de politica, eu antes respondia das perguntas que Bocayuva me ia fazendo, como se quisesse conhecer as minhas opiniões. Provavelmente não as teria fixas nem determinadas; mas quaisquer que fossem creio que as exprimi na proporção a com a precisão apenas adequadas ao que ele me ia oferecer. De fato separamo-nos com prazo dado para o dia seguinte, na loja de Paula Brito, que era na antiga praça da Constituição, lado do Teatro S. Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Giganos. Relevai esta nomenclatura morta; é vício de memória velha. Na manhã seguinte achei ali Bocayuva escrevendo um bilhete. Tratava-se do DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, que ia aparecer sob a direção politica de Saldanha Marinho. Vinha dar-me um lugar na redação, com ele e Henrique Cesar Múcio.

# A GRANDE MISSÃO - LAURO SODRÉ



Quintino Bocayua, quando presidente do Estado do Rio de Janeiro (1901-1903). A fotografia foi tirada no jardim do Palácio Rio Negro, em Petrópolis, que era aquele tempo o palácio residencial do presidente do Rio de Janeiro, sendo Petrópolis, como era o capital do Estado, Aquilo palácio é hoje a residência de verão do Presidente da República.

O que não em verdade Quintino Bocayua, fora de par, acima de tudo e de todos, "super omnia" e "super omnes", e que esse admirável documento, saído de suas mãos, o exemplo da democracia, como ele o escreveu como um nosso S. Lucas, ensinando a sua doutrina de que todos nos haríamos de beber o ensino, desdenhando-nos nessa fonte incoercível, quando nos combe apanhar a boa nova. Nas mãos de todos nos andou sempre como a nossa Bíblia política, o famoso manifesto, vindo do grande Estado da Federação Brasileira que em São Paulo, onde, quando era ainda uma das antigas províncias do Império, Quintino encetou os que professaram a a eterna salvadora, empenhados na tarefa gloriosa de implantar em o nosso país o regime político, que nos daria títulos para figurar dignamente entre as terras livres do continente americano, certo como é, no dizer de Latino Coelho que a América Juvenil, herdeira da velha Europa, devia receber a herança copiosa das ideias, sem aceitar o encargo das ridículas tradições.

Um dia, na tribuna do Senado, quando nessa casa do Congresso nacional modestamente ocupava uma cadeira, honrada pelo voto livre do electorado parense, com-me a falar de Quintino Bocayua, dizendo em poucas palavras o tanto que a sua vida encerra de memorável, e pedi que nos anais dessa Câmara fosse consagrado o manifesto republicano em cujas linhas tantas civilizações deixaram a pena de Quintino Bocayua.

Perlecia no grupo dos que amam dos batutos da Escola Atlântica, que tanto se recomendam pelas audácias das suas atitudes, tendo recebido entre as mãos de sábios mestres as que nos daria o mais reputado de todos, esse incomparável Benjamin Constant, de quem, aluno do 1.º ano do curso em 1873, recebi com as primeiras noções

de talento diferencial, as primeiras palavras, que diziam o que era e o que valia a modernidade filosófica. E ao sair de casa de ensino e educação tantos todos nós, como discípulos do eminente professor, como si fossemos novos apostolos da sua doutrina, a seguimos por toda parte "enantes era os docentes". Assim fui ter ao rincão da pátria querida, que e a minha terra natal, em Belém, chegando que fui não tardou que lançassemos as bases da nova ordenação política que foi o Clube Republicano, aos 11 de abril de 1889, cabendo-me, como me coube, a missão de 1.º tenente do 4.º Batalhão de Artilharia o encargo honroso de ser o sócio a quem fizesse dizer dos nossos títulos e da nossa fé democrática.

Nas minhas mãos tinha sempre para meu governo a sua segura orientação da palavra de Quintino Bocayua. E nela sempre me inspirei para falar em nome do nosso credo político.

E foi seguindo as linhas traçadas pelo grande sabedor, que redigi os manifestos muitos em publico pregado, um em 1886 e outro em 1888. Em um dos que nos precederam ao que deu o primeiro e largo passo para que nos libertássemos da instituição monárquica, que nos fazia pisar como caveão e no dizer do ilustre escritor português, quase uma anomalia, um novo organismo em certa maneira dissonante da flora política do novo mundo.

Vizemos sempre solidários com o consagrado chefe republicano brasileiro. E nos nossos anais, no volume, em que ficou escrita a nossa vida, figuram as palavras de Quintino Bocayua, quando em 1889 teve que falar à Nação, ao receber a eleição que o proclamaram o primeiro de todos, encarregado de exercer as funções de director da política do partido republicano brasileiro, cargo honroso em que foi tão acertado e mais recentemente posto pelo congresso federal republicano reunido na cidade de S. Paulo.

Foram memoráveis as palavras escritas por Quintino Bocayua no seu manifesto de 22 de maio de 1889.

Cabem algumas linhas expressivas desse escrito para valor ao que vale de muitas mãos nesta hora que lhe é consagrada.

Assim disse esse mestre dos mestres, entre quantos tiveram na vida apanha da inspiração, que é bem a "reine des reines" no dizer de nobre escritor francês:

"A República Federalista há de ser porque tem de ser."

Toda a equação do problema está circunscrita a uma do atual imperante, o qual se annua de os sucessos humanos pela primeira da instituição filosófica, que o mundo. The alibane, será o primeiro, como filho desta mesma terra, e como o, em respirar desde o berço os auras americanas, o primeiro a aquilardir no intimo da sua consciência, este desperar mil do puro generoso e grande, que o animou na urdunidade e que foi para ele em todo o curso da sua latente existência, circunscrito e repetido, apesar dos erros da sua política e das males resultantes da instituição fatal que representa...

E' deste posto, do qual me afigurava naturalmente a minha inferioridade, com relação a tantos outros nobres contemporâneos, que em tenho hoje a honra de dirigir a palavra a todos as meas correligionários, invocando seu patriotismo, desprezando o seu apoio, para em intima e cordial união, convergendo em torno da nossa bandeira, aparcarmos as forças do nosso partido e reelectormos pelo nosso esforço e resultado o adepto da República Federalista Brasileira.

Assim foi a segura pregação de Quintino Bocayua, com um e no valor da fé, que só ela tantas milagres tem, jila na história da humanidade.

"Jornal do Brasil" — 4-12-1936.

## CORRESPONDÊNCIA DE HOMENS PUBLICOS - Carta de Assis Brasil a Simões Lopes

"Rio Grande, 1.º de junho de 1933. Dr. Hieronymo Simões Lopes — Rio de Janeiro. — Precado amigo:

E' muito merecida a homenagem que ai se presta e memoria de Quintino Bocayua. Ninguém exerceu mais influencia do que ele — ninguém exerceu mesmo tanta — sobre os espiritos dos moços que despontavam para o "fut" republicano. De mim direi que foi meu principal inspirador. Além disso, foi um tipo modelar, pela bondade, pelo talento e pelo ardor civico. V. é testemunha da injusticia de o quererem fazer passar por evolucionista anónimo em comparação com Silva Jardim e outros a quem pretendem conferir o prestigio de revolucionários. A idade, a educação e a responsabilidade de Bocayua não lhe aconselhavam pregar ostensivamente e a todo momento a bandeira armada contra a ordem estabelecida. Ele entretanto, reconhecia que, no momento decisivo, seria preciso deoatir pela força a ordem monárquica. Ovi dos seus proprios labios esse parecer quando em ele conferenciou mais de uma vez em maio de 1889 como enviado do novo partido do Rio Grande do Sul ao Congresso Republicano de São Paulo, o qual Bocayua não conseguia chegar ao republicanismo nacional. Aproveito a oportunidade

mente o criterio que os republicanos riograndenses haviam asculado na Revolução da Resaca e que pode ser sintetizado assim: "O Imperio deve ser abolido antes da implantação do 2.º Reinado. Isto é, quando os meios espera o adque; o método preferível e o de virar a martra o Imperio as suas proprias armas, isto é, facê-lo alisar pelo Exército, sob a influencia e direção do partido Republicano".

V. terminava por esse tempo e seu curso de Bocayua e era "para magua" entre a sociedade republicana. De-lhe ai no Rio a missão de me representar junto de Bocayua. V. cumpriria oitivamente como era de expectar. Ao chegar, de regresso ao Rio Grande, recebi uma longa e interessante carta sua, narrando a situação da agitação com a qual nos Conscritos e a sabida nos Liberais e contando-me das suas encontros com Bocayua, das quais tenho sempre a impressão da sua fidelidade e lição que tinhamos recebido. Por essa mesma ocasião, recebi também carta de Bocayua confirmando esse encontro e dizendo-me, entre outras referências a fatos passados, que já se havia entendido com "aquele nosso amigo". E n o general Câmara, narrando do Palácio a quem pedi pessoalmente para se encontrar com a chefe republicano e que, por

sua vez, aproximaria este de Ledor. Tanto a sua carta como a de Bocayua foram possivelmente no "mare magnum", dos meus papéis acumulados um tanto "a la diable" na longa vida de cartas e correspondências que foi a minha. Vou fazer um esforço para encerrar e, nesse caso, terê-lo em po-las a sua disposição. Creio-me muito seu. — J. F. de Assis Brasil".

(Q. Bocayua, "Correio da Manhã", 3 — Agosto — 1935, 2.ª pg.)



Quintino Bocayua, numa época jovem de Modesto Brocos



Quintino Bocayua e Pinheiro Machado, senadores. Quintino presidia o Senado como seu vice-presidente, na ausência permitida do vice-presidente da República, Wenceslau Braz. A foto foi feita a saída do Palácio do Catete (1912).



# A MORTE DE QUINTINO BOCAIYUA — Dois discursos no Senado e um discurso na Câmara

## O DISCURSO DE NILO FECHADA NO SENADO

Nunca o orador teve a palavra tão angustiada nem tão digna, como falando desse grande homem de Estado, que durante cerca de meio século perseguiram os ideais da democracia no Brasil.

Caros com mais autoridade do que a de Bocaia, da majestade da enação da sua eloquência, da sua tolerância política, das suas virtudes públicas e privadas e das suas glórias literárias na imprensa, na tribuna e no teatro, e quem o fez, respondendo o erasmista e o católico, há de confundir a sua biografia com a história da República, desde quando ela sempre era uma fórmula lógica da liberdade até se tornar o governo legal desta Nação.

Quintino, foi o maior de todos, ninguém combatido com mais paciência do que ele a desobediência, a propriedade, quando ela abriu um caminho à civilização do Brasil; mas também ninguém foi mais impetuoso e não há por isso este país um só homem a quem ele tivesse a personalidade moral ou a consciência política. (Muito bem; muito bem.)

Sente-se suspenso para falar de Quintino Bocaia. Já se vai vinte e cinco anos que entrou na política pela sua mão forte, e não teve, nesse longo período, sendo uma fortuna — a de ter sabido obedecer a inspiração superior desse homem excepcional.

Respondendo-se aos homens de Estado que têm servido a liberdade e a liberdade, faz a história do seu exemplo, inspirando as gerações e citando um grande cultor da língua portuguesa, diz que os homens superiores não se extinguem. Ele é a síntese da criação, que contém o enigma como os vulcões, sal como os mares, ferro como as minas, cal como as terras, carbono, como as chamas; raiz, tronco e rama como as árvores, e que, por último, ostentam essa formosa cabeça, esplêndida flor exótica, a resplandecer a essência das essências, a essência da ideia; o homem que se apoderou da mar pela bússola, da terra pela locomotora, do tempo pela imprensa, do céu pelo telescópio; o homem que, mourendo de século a século, de sol a sol, criou a arte, a filosofia, a história, a indústria, a moral, a ciência não se pode extinguir entre os deuses de Argila ou entre as patentes de um túmulo.

No que diz respeito a Quintino Bocaia, as injustiças, as injúrias, as paixões, os ódios que nem sempre os homens superiores, tem agora a sua hora de silêncio e, para os seus discípulos fiéis, a sua morte as-

sume as proporções de uma restituição. O que santifica o trabalho do homem de Estado, tornando-o pacífico, justo, superior, a um tempo humilde e grande, é ter diante de si a perpétua visão de um mundo melhor se não sob outros céus, ao menos na consciência e na justiça dos seus concidadãos.

A história há de um dia dizer que ele foi o fundador da República.

Termina requerendo a lembrança da sessão em homenagem à memória do eminente morto. (Muito bem! Muito bem!)

## DISCURSO DE FRANCISCO GLYCERIO NO SENADO

Sr. presidente — É preciso um esforço sobre-humano para que eu possa proferir algumas palavras, tal a dor profunda de que me acho dominado, com o pensamento do meu ilustre e velho companheiro.

O Senado há de permitir que eu seja sobre de palavras, mas o vaso do meu discurso será longeiramente compensado pela sinceridade das minhas manifestações, no momento em que me separo para sempre do meu antigo chefe político, do meu distinto e leal companheiro de campanhas políticas.

Há mais de 40 anos — foi isto em 1870 — que eu, o meu amigo (dirigindo-se ao sr. Campos Salles), o velho homem de Estado e Quintino Bocaia nos juntamos nesta capital para iniciar a propagação das ideias que deviam, pela sua razão, transformar o regime governamental da nossa Pátria.

Enunciar singelamente este fato, não é bastante para desvendar o que houve de grandioso e de fecundo na ação política desse homem que acaba de desaparecer.

Eramos então jovens, todos, mais ou menos impetuosos e ele, o mais refletido, destacava-se entre os seus amigos, precisamente pelo seu espírito embelezado, tolerante e pelos imprevistos da sua ação decisiva.

No entusiasmo da nossa campanha, em todo o Brasil, quando porventura nós atingimos desfechos das dificuldades e da nossa inexperiência, era sempre a inspiração ponderada, esclarecida e prudente de Quintino que sobia às crises com os mais salutares conselhos e decisões.

De 1870 a 1878 a propagação republicana foi trabalhada serenamente mas nesse ano tivemos o primeiro embarras. A ideia emergente percoliu com o sério perigo de um desmembramento; a nossa ação política esteve ameaçada de colapso, e nesse momento angustioso, foi, ainda a intervenção oportuna, persistente, leal e sincera de Quintino Bocaia que salvou a causa republicana, levando as almas de seus jovens companheiros a tranquilidade, a harmonia e, mais que isso, novas energias e grandes esperanças.

Preponderando sempre assim nos centros republicanos, foi ele naturalmente, o substituto de Saldanha Marinho, que, alagado e enfermo, deixara a chefia tormentosa da democracia em colapso. Foi investido nesse posto com todas as honras e com o maior prestígio e a tolerância, a sua alta capacidade e especialmente à sua excepcional previsão, se deve o encaminhamento conveniente que, através de mil embargos e vicissitudes, teve a cruzada vitoriosa em 1889.

Atribuindo-lhe esse êxito, invoco o testemunho de meus velhos companheiros e, sobretudo, o testemunho do meu nobre amigo Senador por São Paulo, sr. Campos Salles — Apoiado.

O sr. Francisco Glycerio —

Resignado, impossível, como preferiram, foi com essa mesma fé de Nataneu conservada até agora, excepcional aid no físico, que congregou todos os esforços do Partido Republicano, cujas tradições ainda perduram com a de uma formidável força política.

O sr. Azeredo — Muito bem. O sr. Francisco Glycerio — O Governo Provisório, sr. Presidente — não é mister que o diga — era um núcleo de entusiastas e de dedicados, porém, inoperantes, que tomara a si a tarefa inerte de recompor a administração pública, sob o ponto de vista administrativo e político. Nessa situação melindrosa, nós sofremos diariamente, a todos os instantes, a pressão de nossa responsabilidade, perante o estrangelo e perante nossa própria Pátria.

Assalados todos os dias pela reflexão de nossos amigos, pela injustiça dos impacientes, entre nós mesmos, eram frequentes as fundas as divergências, manifestadas muitas vezes, senão por palavras menos convenientes, por assomos de impaciência.

Só ele, a maior, vítima dos mais atrozes ataques, das mais revoltantes injustiças, só ele, sereno e tranquilo, jamais teve uma palavra incoerente, um gesto de enfado ou irritação!

Esse homem, quer queiram quer não as circunstâncias atuais, os juízes do momento, esse homem há de passar a posteridade como um grande vulto, como patriota — verdadeiramente fundador do regime democrático.

Erão estas as poucas palavras que desejava proferir no meu último adeus ao velho, ilustre e digno companheiro de lutas e apoiando o requerimento do honrado Senador pelo Rio de Janeiro, para o levantamento da sessão, já que, a modestia de sua alma e a singeleza de seus costumes não permitem que o Brasil faça demonstrações mais solenes. (Muito bem! Muito bem!)

## DISCURSO DE RAUL FERNANDES NA CÂMARA

(Movimento de atenção. Os Deputados e os assistentes das galerias conservam-se de pé). Sr. Presidente, a morte continua a sua ronda sinistra pelas eminências sociais e políticas do Brasil. No seu vôo brusco e sortuoso da agitação noturna vai surprimindo vidas preciosas com as asas de pontas formidáveis; o mais querido dos nossos amigos, o mais notável dos representantes do Rio de Janeiro no Congresso Federal, tombou ontem ferido, caiu ontem fulminado. Desapareceu o grande mestre Quintino Bocaia.

A benção fluminense cabe-lhe, sem dúvida, o dever de render todas as homenagens do seu sincero e profundamente pesar por esta perda, por todos os motivos irreparáveis; e de certo se desdobraria desse dever com a convicção, a força e a energia que lhe estavam ditadas por obrigação de consciência, se o "leader" aceita não se antepasse generosamente, respondendo ao grande morto de ontem as homenagens que lhe eram devidas, não só pelo Estado do Rio de Janeiro, mas por toda a República — pela Pátria.

A mim não cabe mais, portanto, fazer o elogio fúnebre que está feito. Cabe-me apenas em singelas palavras relembrar de leve as grandes virtudes civis e privadas que serviram de quadro brilhantíssimo aos predicados intelectuais que estiveram postos por Quintino Bocaia ao serviço da Pátria e da República durante um longo período da sua vida.

A sua notável inteligência, profundamente culta que rejubilava na literatura nacional e no jornalismo, não o teria, de certo, levado ao apogeo da glória,

nem teria conquistado a aureola imarcescível que lhe dourava a fronte, se predicados tais não houvessem brilhado sobre um fundo de virtudes privadas e civis que raramente se encontram enfeitadas em tão alto grau na mesma individualidade.

Políticos generosos, eu tenho conhecido muitos, igualmente intrépidos na defesa das suas convicções não tem faltado; de abnegados, graças a Deus, a história política do Brasil nos dá numerosos exemplos; leais para com os amigos, dessa lealdade que se manifesta de público no momento do perigo, também tenho lido muitos. Mas um homem político em que essas virtudes concorram todas simultaneamente e no grau em que concorriam em Quintino Bocaia, ainda não tivemos, além dele. Foi um exemplo raro, precioso.

Sob a aparência fria do indomado, a impossibilidade, que lhe rendeu muitas vezes a qualificativo de insensível, ele escondia uma alma extremamente generosa e boa, porque a sua impossibilidade era efeito de disciplina da vontade sobre nervos e sobre músculos; e não nascia do coração, que era bondoso, extenso e terno.

Homem que ocupou as mais altas posições no seu país, que foi Presidente do Estado, que foi Ministro da primeira governação da República, que foi Senador durante largos anos, influência política preponderante, ele morreu pobre.

— É o seu maior elogio! diz o sr. Serzedello Corrêa.

... e não lega à sua família sendo o brilho e a fama de seu honrado nome.

Intrépido na defesa de suas convicções, o era de tal modo que o grande soldado da República, Floriano Peixoto, dele disse — que ninguém conheceria tão calmamente corajoso.

E, se o episódio que acaba de ser lembrado pelo honrado "leader", quando ele, trajando as vestes de palasão, cavalgou ao lado de Deodoro, na manhã histórica de 15 de novembro, arriscando sua cabeça em prol da ideia republicana, por si só não bastasse para atestar a intrépidez calma de sua coragem, outros episódios da mesma natureza estavam aí para dar testemunho de virtude tão rara.

Abnegado ele foi a tal ponto, que era talvez, entre todos os políticos militantes do Brasil, aquele de cujo conselho ninguém podia imaginar ou supor que trazia uma ideia preconcebida, a colheita de um fruto político a obter. (Aplaudos gerais).

E é por isso que na hora em que cai na refrega, embebedado até a alma nas lutas políticas do momento, nós temos a profunda convicção de que mesmo os seus adversários, divergindo dos seus ideais, lhe fazem justiça de acreditar que ele não punha ao serviço de seu programa sendo o seu profundo, o seu grande amor à ordem pública.

Assim, em nome da bancada fluminense, peço à Câmara indistintamente, maioria e minoria, que se compadeça de nossa sorte neste momento, que veja em nós o espetáculo lamentável que oferece o soldado atingido em plena refrega, e mutilado, estendendo os braços suplicantes não só aos camaradas que o cercam como aos adversários que o contemplam, vedando que se amercem de nossa sorte e que nos concedam o bálsamo da tregua proposta pelo nobre "leader". Será para os nossos corações um conforto ver a Câmara reunida, comunicada em torno desse esquife, prestando-lhe as homenagens que a República e a Pátria decididas lhe devem pelos seus numerosos serviços. (Muito bem, Palmas).



Quintino Bocaia, em sua residência da Pindamonhangaba, lendo "O País".

## QUINTINO E A ACADEMIA

Na organização da Academia Brasileira, em 1896, congregavam-se, para um sonho comum e um trabalho comum, muitos dos amigos e dos velhos companheiros de Quintino Bocaia. Os seus dois emulos de principal no jornalismo nacional, Patrocinio e Alcindo Guanacora, faziam parte do quadro de fundadores da casa. Por que não terá sido incluído o nome de Quintino Bocaia?

Joaquim Nabuco viu sempre em Quintino Bocaia um candidato querido a alguma das vagas da Academia. As suas cartas a Machado de Assis são bem significativas a esse respeito.

Há um grupo de escritores, de poetas, de homens públicos, que Nabuco quer, a todo transe, ver nos cadeiras da companhia. Ele quer ver ali Jacqueline, Assis Brasil, Lafajete, Ferreira Vianna, Capistrano de Abreu, Ramiz Galvão, Quintino Bocaia.

Ogamos alguns trechos de sua conversação com Machado de Assis acerca de Quintino. Em carta datada de 15 de agosto de 1903: "O Quintino, você sabe, esteve sempre associado para mim com você; eram, segundo me lembro o Castor e Polux dos meus quatorze anos, por volta de 1863 e o brilho do talento dele foi muito grande. Como todas as inteligências que se desindividualizam, ou despersonalizam, para se tornarem coisa pública, propriedade das massas, matéria demagógica, podemos dizer, o diamante nele desapareceu no cascalho e de uma República ainda não lhe ti uma página, nem sequer uma frase, que me lembrasse o antigo escritor. Mas, ainda assim, pelo seu passado, ele tem direito à nossa homenagem, e não há dúvida que, mesmo hoje, lhe bastaria (sei que isto é impossível, mas só isto) sacudir os andrajos políticos para mostrar o velho paladino intemerato, ou aquele gladio arangelado, tão nosso conhecido. Eu estarei eu enganado?"

Em outra carta, datada de outubro de 1904: "Não sei por que Quintino não foi membro fundador. Eu seguramente estranhei essa anomalia na Revista, anomalia tanto maior quanto o nosso criador era grande entusiasta de Quintino. Agora a entrada do Quintino não tem mais razão de ser, porque pareceria que ele adquiriu título depois da fundação, quando o tinha antes de quase todos os fundadores. A exclusão dele é, pois, um fato consumado, como seria a do Ferreira de Araújo, se viesse, como é a do Ramiz, a do Capistrano, que não quiseram. Se o Quintino não recusou supõe-se que recusou. Podemos declará-lo, não podemos declarar que o esqueçamos".



O PRÍNCIPE — Caricatura de Quintino Bocaia, feita por João Machado. (Após Lucio Mendonça — "Caricaturas Inatendidas")







# O PRÍNCIPE - LUCIO DE MENDONÇA



Quintino Bocayura, quando Presidente do Estado do Rio

## Príncipe dos jornalistas -- Patriarca da República -- Afranio de Melo Franco

A Nova Brasília rende hoje a homenagem do seu reconhecimento a Quintino Bocayura, comemorando o centenário do seu nascimento.

O governo federal e o da Cidade do Rio de Janeiro — borçanais do grande brasileiro — faze-nos para oficial nas solenidades e interpretações dos acontecimentos do país, a cujo serviço sempre esteve posta a nobre vida do indelével contemporâneo.

Foi na imprensa que se exercem mais poderosamente a ação e a reação de Quintino Bocayura. Ele viveu um longo período de nossa história contemporânea com a influência de sua crítica serena e imparcial, que os seus próprios adversários acatavam por subleita derrota dos mais elevados propósitos e orientada unicamente pelo amor ao Brasil.

A justiça dos seus contemporâneos deu-lhe o título de Príncipe dos Jornalistas. Esse título lhe veio pela própria natureza dos acontecimentos e fatos sociais do seu tempo, como o de "príncipes" foi espontaneamente dado a Augusto, a força e a virtude e a essência da obra jornalística de Quintino Bocayura foram em si mesmas a origem do consenso geral em considerá-lo o primeiro entre os seus pares.

Mas, além de Príncipe dos Jornalistas foi ele, também, o Patriarca da República. O seu longo apostolado pelo governo do povo pelo povo educou a nação, conquistou adesões nos meios políticos, infiltrou-se no elemento militar e foi, enfim, um dos mais importantes fatores da Revolução de 15 de novembro de 1939.

Primeiro Ministro das Relações Exteriores do novo regime, Quintino imprimiu a nossa política exterior no continente americano espírito de fraternidade e de confiança, que sempre inspirou a sua ação de propagandista e tantos admiradores lhe trouxe em todas as Repúblicas americanas.

Foi pelo seu entranhado culto à solidariedade entre os países americanos que ele, poucos meses após o tratado de 7 de setembro de 1899, que submetia a decisão de um árbitro a questão do território de Palmas ou dos Missões, entre a Argentina e o Brasil, pretendia apressar a solução por via de um convênio direto e, para tal fim, assinou em Montevideo, a 25 de janeiro de 1900, o tratado que dividia o território litigioso.

O Congresso Nacional brasileiro não aprovou o dito tratado, tendo ficado de pé o processo do arbitramento, em que, por sentença de 5 de fevereiro de 1895, do presidente Grover Cleveland, foi integralmente reconhecido o direito do Brasil, sendo a decisão acatada e cumprida pela grande República do Prata, nossa irmã e amiga.

Desse episódio histórico não se diminuiu o nome de Quintino Bocayura, porque, afinal, todos reconheceram que a sua conduta fora inspirada por um supremo ideal: o da união indissolúvel da América em uma só família e uma só pátria.

## A inteligência e a civilização - Quintino Bocayura

A civilização do mundo, o progresso das nações, não tem só exigência material. A indústria, que é o verso das sociedades humanas, não significa só a manipulação da matéria destinada à satisfação dos sentidos. O pão para o espírito é tão necessário como o alimento para o corpo, e a inteligência, que é uma força produtiva e a origem da verdadeira propriedade imaterial, tem também a missão de concorrer para a satisfação das faculdades e dos instintos morais da sociedade.

Essa força é a inteligência em todas as suas manifestações: no artigo do jornal, nas páginas

do romance, nas cenas do drama, nas melodias do verso, que é aplaudido, decorado, apreciado em todos os sentidos, e que servem simultaneamente do orgulho e desagravo à ofensa da honra do país. Para a modesta profissão das belas artes e das letras é que ainda não se abriu espaço. Pode contar-se pelos abatimentos os generosos esforços, que se tem tentado em seu benefício. E hoje que, a favor da sua própria força propulsora, ela começa de abrir-se em horizonte nos limitados, fôra ignominia recíproca não se cometer nem se amparar tentativas que propendam a alargar-lhe a esfera.

Se Plutarco escrevesse do Gustavo e do Príncipe, e depois, segundo o seu processo, lêsse o paralelo entre os dois, que admiraria a riqueza de contrastes!

São exatamente, os dois polos do republicanismo brasileiro.

Não fosse o Príncipe, a seu turno, uma individualidade tão forte, e bastaria, para dar muito aproximadamente dele, dizer a seu respeito o inverso do que se disse do seu antípoda.

O Príncipe, assim chamado pela honra dos adversários de imprensa, é limpo, distinto, fidalgo, como o título indica, ou mais ainda, pois príncipes há como o condé d'Eu, com os seus mansuetos de sujeito surdo, ou como o estrota do Filipe, a quem o velho Polidoro tinha precisão de puxar as orelhas.

Aristocrata como se houvesse nascido num solo de uma ascendência de muitos séculos de reis, tem a linha inquebrantável da nobreza ingênita.

Cuido que, pelo lado materno, tem sangue de espanhol, com escória pela República Argentina.

É jurgo que descende de D. Quixote, e mais valeroso andante que jamais se cede espadado.

Com a linha fidalga é que se dão a petros os seus inimigos e antipáticos. Exaspera-os como a lua a certa classe humilde de observadores. Mas o que sabem todos que o conhecem é que essa linha é natural, pertence-lhe tanto como o seu belo olhar meridional, a ampla e vasta palidez, o largo leito romântico.

Bem o sabe quem o viu num dos mais altos momentos do seu passado, há mais de vinte e três anos, na rua do Ouvidor, ali acima, onde é hoje a consistorial Calçada.

Era em fevereiro de 1873. Ao anoitecer de um belo dia, pôs-se em festa o edifício da "República".

O jornal era então de exclusiva propriedade do nosso homem, que nele escrevia com grande moderação, com o que se danavam os jacobinos da época, chamados federais, capitaneados por Aristides Lobo. Estava, aquela noite, em festa a redação da folha. Bandeiras de todas as nações republicanas, e, entre elas, a bandeira brasileira sem a coroa, ornada com a fronteira da casa. Sobre a taboleta que trazia o nome do jornal armava-se uma inscrição a gás — Viva a República! E, num transparente, publicava o retrato de Emilio Castelar, do Sr. Castelar digo eu agora, que o homem está quase correliário do Sr. Laet.

O mestre exultava, sereno e grave, ainda como exulta como faz tudo.

Precisaram-se a República na Espanha, na sua Espanha, na terra dos antepassados do seu gênio, na terra dos seus castelos, pôde grande fantasia que foi sempre!

E' uma página que mereceu ser escrita aquele ataque ao dileto da "República" pela política do Sr. Duarte de Azevedo.

Em meio à festa, o povo, que, ao cair da noite, se aglomerava, e da sala do andar térreo a palavra inflamada, mas ainda e sempre correta, do grande jornalista, o povo, digo, convenceu-se da improvidência em turba de maltrapilhos, de cadáveres políticos, e contra o prédio, onde se achavam famílias, senhoras, rompem então um bombardeio infame de pedras e de batatas (de chovalinhos, disse no parlamento, com uma jogralidade fúnebre, o então ministro da Justiça).

A polícia apodinhava, vitimava-nos, a agressão. Policiais foram vistos a carregar centos de pedras. Quem o discute em discurso público, foi uma testemunha maior de ta-

acompanhá-lo, em toda via, Francisco de Paula Silveira não cabe aqui, nem é preciso. Ninguém ignora o que foi este homem na imprensa da sua pátria, antes de feita a República. Na "República" e, depois, no "Globo" no "Paiz" foi o maior dos nossos jornalistas. Na questão militar, que veio a produzir o 15 de Novembro, foi quem fez toda a campanha de imprensa, com tanta clareza, paixão e talento que ainda hoje o chefe civil nos que rido do Exército, a despeito da maldade da questão dos Missões, tão explorada contra o seu nome e contra o seu patriotismo, que afinal só os illos dessa prova suprema.

Nem só como jornalista é um triunfador consagrado. Há quem pense que ainda falta melhor do que escrever.

Por mim, não sei decidir. O certo é que não tenho o poder parlamentar mais corajoso e elegante, e seus discursos, nos últimos tempos, são modelos de sabedoria política.

Triste condão possui, entretanto, esta natureza excepcional: provocar a calúnia, como o arminho atrai as macula. Não há por aí maldade que se não tenha atrevido contra ele. Nunca, porém, amedrontado nunca, deixou de esmagar a acusação e o insulto. Apenas, e ainda isto o caracterizava profundamente, só o fazendo muito bem o tem e libertado e de livre vontade o quer. Não há ninguém, nada sobre o face da terra que o obrigue a falar antes ou depois que lhe parece oportuno e útil.

Tem uma qualidade raríssima, observava-me João Ubaldo de Amaral é honesto que só diz o que quer!

Juro aos deuses imortais que, ao trazar estas linhas cheias de justiça, não penso um instante no que ele tem de fazer no futuro, e se o Príncipe chegar a presidente.

Se já pensar, melhor para ele e para a Pátria; a mim, pessoalmente, nada pode importar: por isso também não sinto o mínimo constrangimento em louvá-lo em público, por todo o seu grande passado, que eu conheço e venho.

Inclino a minha pena insubordinada e livre em solene homenagem diante deste que foi o Brasil o fundador da República e há-de ser sempre uma das suas glórias mais puras, mais firmes e mais radiantes.

(Caricaturas Instantâneas).

## NUM RETIRO FELIZ

Quintino Bocayura

Das coisas políticas é melhor não conversarmos. A situação me parece melancólica e como o ano é climatérico, pela indicação do candidato à futura presidência, dizem-me que já fervem as ambições e as lutas. Apesar de ausente, sei que se ocupam com a minha pessoa. Mas se soubessem quanto sou feliz no meu retiro e quanto pouco me preocupam as pretensões políticas nem do meu nome se lembrariam, o que seria para mim — o mais feliz e precioso remate da minha existência: porque morria para a política com a consciência limpa e tranqüila.

A situação econômica e financeira da República é que me preocupa muito. Ou muito me engano ou prenunciam-se os prodromos de uma crise séria.

Administrativamente continuamos a arrostar uma existência infeliz. A anarquia e a imoralidade não punida estão produzindo frutos amargos que envenenam o ambiente republicano. Todos os serviços mais ou menos desordenados e as despesas colossais sempre em aumento isto é que me atenta!

(Da correspondência com Gabriel da Cruz — Apud Múcio Lobo — Quintino Bocayura)

O que ele não pode mais. O que ele não pode mais. O que ele não pode mais. O que ele não pode mais.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.

Eu quis apenas mostrá-lo num momento de sua vida.





# STÉPHANE MALLARMÉ - A ENTREVISTA - João Alphonsus

Antes de passar ao estudo das formas conciliadas, eu devo antes as aspirações, e as teorias da arte, daquelas que, ainda discutidas, pertencem à conquista do futuro e se apresentam a si mesmas como as condições de amanhã.

Conhecidos pelos dois principais Professores do movimento simbolista-decadente, M. Stéphane Mallarmé e Paul Verlaine.

M. STÉPHANE MALLARMÉ  
Um dos homens de letras mais profundamente estimados do mundo literário. Estatura média, bucha grisalha, talhada em ponta, nariz grande e reto, arelhas compridas e pontudas de latão, olhos largamente fendidos brilhando de um clarão extraordinário, uma singular expressão de agudeza temperada por um grande ar do bom-homem. Quando fala, o gesto acompanhando sempre a palavra, um gesto abundante, cheio de graça, de precisão, de eloquência; a voz se arrasta um pouco no fim das palavras aumentando-se gradualmente; um poderoso encanto nasce do homem, em quem se admira um imaculado orgulho pairando acima de tudo, um orgulho de deus ou de iluminado, diante do qual é preciso logo a gente se curvar interiormente — quando se tenta compreendê-lo.

Assistimos neste momento me disse ele, a um espetáculo verdadeiramente extraordinário, único em toda a história da poesia: cada poeta vai, ao seu canto, tocar numa fruta, bem sua, as árias que lhe apressam; pela primeira vez depois do começo os poetas não cantam mais "au lutrin". Ali agora eram necessários, para o acompanhamento, os grandes órgãos oficiais, não eram? Muito bem, tocou-se demais e houve o cansaço. Ao morrer, o grande Hugo, estou certo, estava convencido de que havia enfiado a poesia por um túnel. Entretanto Paul Verlaine lá havia escrito "Sagesse". Pode-se per-

doar essa fúria, em quem realçou tantos mistérios; mas ele não contara com o eterno infinito, a perpetua e melancólica impudência lírica. Sobretudo, ele falou esta palavra indubitável que, numa sociedade sem estabilidade, sem unidade, não se pode criar a arte exatável, arte definitiva. Dessa organização social inacabada, que aplica ao mesmo tempo a inquietude dos espíritos, nasce a necessidade de inexplicação do indivíduo, de que as manifestações literárias presentes são o reflexo direto.

Mas imediatamente, o que explica as recentes inovações, é que se compreendem que a única forma do verso não era mais a forma absoluta, única e imutável, mas sim um meio de fazer infalivelmente versos diferentes. Fala-se aos mentirosos: "Não furem, que roças se dá honestos!" Esta certo, mas não é tudo: fora dos preceitos consagrados, é possível fazer poesia? Concluiu-se que sim e achou que com razão. O verso está em todo lugar na língua, onde haja um ritmo, em todo lugar — exceto nos anúncios e na grande página dos jornais. No gênero chamado prosa, há versos: as vezes admiráveis, de todos os ritmos. Mas na verdade não há prosa: há o alfabético e, de mais, versos mais ou menos compridos, mais ou menos ditados. Todas as vezes em que haja esforço para o estilo, há versificação.

Eu lhe disse agora mesmo que, se se chegou ao verso atual, foi sobretudo porque se cansou do verso oficial; mesmo os seus partidários participam desse cansaço. Não é algo de absurdo, que, ao abrir não importa qual livro de poesia, a gente esteja certa de encontrar do princípio ao fim ritmos uniformes e convencionais, ali onde se pretendia, ao contrário, nos interessar pela variedade essencial dos sentimentos humanos? Onde está a inspiração? O Improvável? E que

lastimosa! O verso oficial não deve ficar sendo em momentos de crise de alma; os poetas atuais não o compreendem, com um sentimento de respeito muito delicado, taparam um pouco o olho, se não o aproximaram com uma flandresca, dir-se-ia com um certo medo, e, em lugar de fazer dele o principal e o ponto de partida, de auxílio a ficarem surtos como o casamento do poema ou do período.

Alguns, na máscara, a mesma transfiguração se produziu; as melodias de antigamente, muito desenhadas, sucederam uma infinidade de melodias quebradas que enriquecem a tessitura sem que se lhe sinta a cadência marcada tão fortemente.

— E bem dito, — perguntou, — que não a cidade?

— Mas sim. Os Parnasianos, amadores do verso muito estrito, pelo por si mesmo, não perceberam que havia apenas um esforço, completando o deles, esforço que tinha ao mesmo tempo a intenção de criar uma espécie de interregno para o grande verso exaltado que podia merecer. Mas, e necessário se sabia que as experiências das recém-chegadas não podem a suprimir o grande verso; mas sim a insuflar mais a ele, por isso, a criar uma sorte de fluidez, de mobilidade entre os versos de grande linha, o que lhes faltava um pouco e agora

Quem-se de súbito nas orquestras belos brutes de metal; mas sente-se bem que se somente houvesse uma a gente se fatigaria depressa. Os novos espaços são esses grandes lances, para si os fazer aparecer ao momento em que devem produzir o efeito total, e assim que o alexandrino, que ninguém inventa e que brota já total do instrumento da língua, os versos de continuar maniciado e sedentário como até há pouco, seria pelo contrário mais livre, mais superlativo, mais arejado; adquiriria outro valor, o de não ser empregado nos momentos graves da alma. E o valor da poesia falava, até mais nobremente este, elevando através dele o grande verso inicial com uma injunção de motivos tomados no espírito individual.

Não é isso pela inconsideração de uma parte e de outra, de que os versos podem se reunir, antes que se destruíam. Porque, se de um lado os Parnasianos foram, na verdade, os absolutos servidores do verso, o ele sacrificando até a sua personalidade, os novos tiraram a sua aptidão à música, como se nada tivesse havido antes; mas estes não julgam mais do que escapar o inferno, a construção parnasiana, e para mim os dois esforços podem se completar.

Esta opinião não me impediu de acreditar pessoalmente que, com a maravilhosa ciência do verso, com a arte suprema das lutas, que possuem os mestres como Baudelaire, o alexandrino possa chegar a uma variedade, inflexão e seguir todos os possíveis impulsos de palavra: "Le Forgeron", de Baudelaire, por exemplo, ou alexandrinos intermináveis e outros, ao repê, de uma trarostostill concisão.

Apenas, esse nosso instrumento tão perfeito e de que talvez se tenha usado demais, não seria nada, mas que descansasse um pouco.

— E lá, quanto à forma — disse a M. Mallarmé. E o juízo?

— Creio, me respondeu, quanto ao fundo, que os moços são mais próximos do ideal, poético do que os Parnasianos, que tratam ainda os seus motivos a maneira dos "belos filósofos" e dos velhos preceptores

apresentando os objetos diretamente. Pensa, me e preciso, pois contrário, que não haja mais abstração. A contemplação das coisas, a imagem se evolvendo das coisas suscitadas por elas, eis o centro; a Parnasianos, eles tomam a coisa por inteira e a misturam; portanto lhes falta mistério; congem aos espíritos a alegria de acreditar que estão criando. "Novecento" um objeto e suprimir três quartos partes do prazer do poema, que é feita da felicidade de atribuir pouco a pouco: "sugeri-lo", eis o sonho. E a perda utilizada desse mistério que constitui o símbolo: evocar, pouco a pouco, uma coisa para mostrar um estado de alma; ou, ao inverso, escolher um objeto e fazer se desprender dele um estado de alma, por uma série de destruições.

Aproximamo-nos aqui, digo ao mestre, de uma forte objeção que tinha a lhe fazer. A obscuridade:

— E, com efeito ignominiosamente perigosa me respondeu ele, quer a obscuridade venha da insuficiência do leitor, quer da do poeta. — Mas seria trapacear se a gente se equívocasse a esse trabalho. Pois se uma pessoa de inteligência média e de preparação literária deficiente, abre por acaso um livro assim feito e pretende ir lá dele, há um malentendido; é preciso colocar as coisas nos seus lugares. Deve sempre haver alguma coisa poética e é o objetivo da literatura — não há outros — "evocar" os objetos.

— Foi o senhor, mestre, perguntou, — quem criou o novo movimento?

— Abomino as escolas e tudo que se pareça com isso; me repugna tudo quanto seja professoral aplicado a literatura que, ela, pelo contrário, é intrinsecamente individual. Para mim, o caso de um poeta, nesta sociedade que não lhe permite viver, e o caso de um homem que se isola para esculpir o seu próprio funeral. O que me empastou a atitude de chefe de escola foi, primeiro, que eu esteja sempre interessado pelas ideias dos novos; e, ainda, sem dúvida, a minha sinceridade em reconhecer o que havia de novo na contribuição dos que chegaram por último. Porque, no fundo, sou um solitário, creio que a poesia é feita para o justo e as pompas de uma sociedade definitiva onde teria seu lugar a glória, cuja noção as gentes parecem ter perdido. A atitude de um poeta numa sociedade como esta, onde ele está em greve em face da sociedade, é a de colocar de lado todos processos racionais que podem se lhe oferecer. Tudo que se lhe pode propor é inferior à sua concepção e ao seu trabalho secreto.

Pergunto a M. Mallarmé que lugar cabe a Verlaine na história do movimento poético.

— Foi ele quem primeiro reagiu contra a impecabilidade e a impossibilidade parnasiana; trouxe, com "Sagesse", o seu verso fluído, contendo, já, dissonâncias voluntárias. Mais tarde por volta de 1875, o meu "Après-Midi d'un Faune", exceto alguns amigos, como Mendes, Dierx e Cladel, fez urrar o Parnaso inteiro, e o trabalho foi recusado cerradamente. Eu, eu ensaiei, na verdade entretanto, ao lado do alexandrino em toda a sua envergadura, uma sorte de "jeu couronné par une autre", como quem diria, um acompanhamento musical feito pelo próprio poeta e que se permitia ao verso oficial aparecer nas grandes ocasiões. Mas o pai, o verdadeiro pai de todos os Novos, e Verlaine, o magnífico Verlaine, cuja atitude como homem acho tão bela como a do escritor, porque é u-

única, numa época em que o poeta era fora da lei, a demonstrar todas as dores e a nova tal alture; e uma soberba "vacuolite".

— Que pensa do fim do naturalismo?

— A infantilidade da literatura até agora foi a de ver, por exemplo, que escolher um certo número de pedras preciosas e de por os seus nomes a elas, ali onde que com perfeição, e fazer pedras preciosas. Pois bem: não! Concluiu a poesia em "criar", e necessito tomar na alma humana estados, claros de uma pureza tão absoluta que, bem contidos ou bem expostos, a luz, isso continua na verdade as coisas do homem: aí, há símbolos, há criação, e a palavra poesia tem aí o seu sentido: é em alma, a única criação humana possível. E se, verdadeiramente as pedras preciosas com que a gente se enfeia não foram estados de alma, é indevidamente que se enfeia. A mulher, por exemplo, essa eterna amiga do alheio...

E oite, acrescentou a meu interlocutor meio rindo, o que existe de adúltero nas intuições de noridades é, às vezes, nos ter revelado, por meio do confessorio de polícia, que a mulher se enfeia indevidamente com aquilo que sentiu secreto ela ignorava, e que ela lhe pertence portanto.

Voltando ao naturalismo, me parece que é preciso entender por esse termo a literatura de Émile Zola, e que o termo morreu de fato quando Zola morreu terminado a sua obra. Tenho grande admiração por Zola. A dizer verdade, ele fez meros literários verdadeiros do que arte especiosa, acreditando o menos possível de elementos literários; tomou as palavras e certo, mas apenas isso; o resto problem da sua maravilhosa organização e repouso logo no espírito das massas. Possui realmente qualidades poderosas; o seu senso mudado da vida, os movimentos da multidão, a pele de Nana, cujos grânulos nos todos acerbos, tudo isso contido em prodigiosa aquelela, é a obra de uma organização verdadeiramente admirável! Mas a literatura tem algo de mais intelectual do que isso: as coisas existem, não na compete cria-las; só temos que aprender as suas afinidades, e são os fios dessas afinidades, que formam os versos e as orquestras.

— Conhece os psicólogos?

— Um pouco. Parece-me que depois das grandes obras de Flaubert, dos Goncourt e de Zola, que são uma espécie de poemas, voltou-se ao velho gosto francês do último século, muito mais humilde e modesto, que consiste, não em tomar da pintura os meios para mostrar a forma exterior das coisas, mas em dissecar os motivos da alma humana. Mas existe, entre isso e a poesia, a mesma diferença que há entre o espantoso e um colo bonito...

Antes de me retirar, perguntei a M. Mallarmé os nomes daqueles que representam, segundo ele, a evolução poética atual.

— Os moços que me parecem ter feito obra de mestria, isto é, obra original, independente de tudo anterior, são Morice, Moreas um cantor delicioso, e sobretudo, este que deu até agora a mais forte arrancada, Henri de Régnier, que como Vigny, vive um pouco longe, no recolhimento e no silêncio e diante de quem me inclino com admiração. Seu último livro, "Poèmes anciens et romanesques", é uma pura obra-prima. — No fundo, veja, me diz o mestre ao me apertar a mão, "le monde est fait pour abouir a un beau livre".

## SONHEI-A

Sonhei-a. Dormia com a mão sobre os seios. Talvez nos anseios de um vago sonhar. E vinham-lhe no rosto quebrar-se em desmaios Os pálidos raios de um túbio luar.

Que noite! que ar puro! que mágico efeito Nas fibras do peito senti palpitar. Que suspiros, que angústias por vê-la abatida, Por vê-la dormindo tão perto do mar!

E a noite ia alta e a brisa gêmeal E o mar parecia querê-la beijar! Dormia tão perto que os alvos vestidos Julguei confundidos com a espuma do mar.

Assim que avistei-a de longe correndo Chegou-me tremendo já quase a toca-la. Propiciava era a hora, da noite o ensejo. E, louco, num beijo fui quase acordá-la.

Mas antes do beijo deprecie-lhe na fronte No vasto horizonte, eis, surge-me o dia! O encanto desfaz-se, a sombra fugiu-me. Fugiu-me, e entre as névoas da noite perdi-a!

(LÍRICA NACIONAL)

## QUINTINO BOCAYUVA

### PRINCIPAIS FATOS DA VIDA DE QUINTINO BOCAYUVA

Contin. da pg. 59)

- |           |      |   |
|-----------|------|---|
|           | 1904 | (17 de abril) — Deixando a presidência do Estado do Rio, e Quintino reeleito senador federal. Recusa-se a tomar posse da cadeira, e retira-se para a fazenda em Pinhal-mangaba. |
| 1892      |      | (21 de agosto) — Quintino é reeleito senador pelo Estado do Rio, sendo reconhecido em 8 de setembro seguinte.   |
| 1899      |      | (30 de dezembro) — Quintino é reeleito para o Senado Federal pelo Estado do Rio.  |
| 1900      |      | Visita de Campos Sales à República Argentina. — Quintino o acompanha.   |
| 1901-1903 |      | Quintino exerce a presidência do Estado do Rio.   |
|           | 1909 | (30 de janeiro) — Quintino é novamente eleito para o Senado. No mesmo ano, é escolhido para vice-presidente da casa, sendo reeleito nas sessões seguintes.                      |
|           | 1912 | (11 de julho) — Acometido de uma gripe pneumônica, falece Quintino Bocayuva.  |





Olegário Marianno, num retrato da senhora Leopoldina Celli

## OLEGARIO MARIANNO

Nasceu Olegário Marianno Carneiro da Cunha no Recife, Pernambuco, no dia 21 de março de 1889. É filho de José Marianno, luso-pernambucano da Abolição e da República, e de Il. Olegária, estrota pernambucana da mulher brasileira, no entanto tem de mais puro e nobre sangue.

Estudou no Colégio Pestalozzi, e logo se transferiu para o Rio de Janeiro, onde logo se identificou com os poetas e os escritores em voga, tendo sido um dos discípulos de Mário Pedreira, nos estudos de sua carreira literária. Nos grupos boêmios da rua do Cavador, onde pontificavam Guimarães Passos, Emílio de Moraes, e Olavo Bilac, não era raro encontrar-se o adolescente de alma alegre e de pudência sempre pronta, mas cuja poesia

## BIBLIOGRAFIA DA POESIA DE OLEGARIO MARIANNO

É a seguinte a obra poética de Olegário Marianno, até hoje publicada:

Angelus — Versos — 1911.  
XIII Sonetos de Olegário Marianno — Rio de Janeiro, 1911 e 1912.

Evangelho da Sombra e do Sol — Edição — 1.ª edição — 2.ª edição — 204 páginas — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1930.

Chimarrão Cigarra. 1.ª edição — Rio 1915 — 2.ª edição — 3.ª edição — 4.ª edição aumentada — 170 páginas — Editora Brasileira Luz — 1935.

Castelos na Areia — 122 páginas — Edição de Pimenta de Melo — Rio — 1923.

Cidade Maravilhosa (Poema) — 1.ª edição — Pimenta de Melo e Cia. — 1923. 2.ª edição aumentada — 83 páginas — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1930. — Ba-ta-cian — 1927.

Canto da minha Terra — 99 páginas — Pimenta de Melo, S. d.

Destino — 1.ª edição — 152 páginas — Editora Americana — Rio 1931. 2.ª edição aumentada — 176 páginas — Editora Guanabara — Rio — 1933.

Teatro — Único Amor, O Prelu-

do, e nobreza, de rimas e...  
...do Recife, Pernambuco, no dia 21 de março de 1889. É filho de José Marianno, luso-pernambucano da Abolição e da República, e de Il. Olegária, estrota pernambucana da mulher brasileira, no entanto tem de mais puro e nobre sangue.

Em 1926, por morte de Mario de Alencar, foi ele eleito para a Academia Brasileira, para a cadeira n.º 21, ainda por José do Patrocínio, e que tem como patrono Joaquim Serra.

Durante algum tempo, teve Olegário Marianno atividade política. Foi deputado à Assembleia Constituinte, que elaborou a Carta de 1934. Em 1937, ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados.

Por morte de Alberto de Oliveira, foi ele eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, tendo o seu busto em bronze no Passeio Público.

do do Pingo d'água. Arlequinada — Coleção de Poemas de Amor, organizada e publicada sob a direção de Renato Travençolo — Editora Guanabara — Rio S. d.

Poesias Escolhidas — 146 páginas — Livraria Freitas Bastos — Rio — 1932.

Poemas de Amor e de Saudade — Rio — 1933.

Vida, caixa de brinquedos — 157 páginas — Editora Guanabara — Rio — S. d.

O Enamorado da Vida — Poemas — 181 páginas — Editora Guanabara — Rio — 1937.

## ALGUMAS FONTES SOBRE OLEGARIO MARIANNO

— Gustavo Barroso — Discurso Fúnebre Olegário Marianno na Academia Brasileira — (Discursos Acadêmicos).

— Fernando Neves — A Academia Brasileira de Letras.

— João Ribeiro — Vários artigos no Jornal do Brasil.

— Nuno Leão — O Enamorado da Vida em Jornal do Brasil.

— Nuno Leão — Fúnebre de Olegário Marianno na Academia Brasileira.

— Arrigênio Grieco — Evolução da poesia brasileira.

— Humberto de Campos — Crítica, 1.ª v.

## O ENTERRO DA CIGARRA

As formigas levavam-na... Chovia...  
Era o fim... Triste o entono insuportável  
Falta, uma fonte, em suave movimento,  
Cantando de sua tremida canção.

Quando tu a embalsamava, trazias  
Na tua mão, um frasco de doloroso acerto.  
Era a cigarra de maior talento,  
Mais cantadeira desta freguesia.

Passa o cortejo entre árvores amigas...  
Que tristeza nas folhas... Que tristeza!  
Que aberturas nos olhos das formigas!

Pobre cigarra! Quando te levavam,  
Enquanto te chorava a natureza,  
Tuas irmãs e tua mãe cantavam...

(Poesias Escolhidas)

## DESLUMBRAMENTO

É amor? Não sei. Esta intranquilidade,  
Este guso na dor, esta alegria  
Triste que vem de manso e que me invade  
A alma, enchendo-a e tornando-a mais vazia;

É-te cansaço extremo, esta saudade  
De uma coisa que falta a Vida... O dia  
Sem sol, as noites ermas, a ansiedade  
Que exalta e a solidão que anestesia,

É amor. Egoísmo de sofrer sozinho,  
De as penas esconder do humano acolite,  
De transformar as pedras do caminho

Em coriscos sutis para colhê-las  
E andar como um sonâmbulo, na noite,  
Escurecendo os olhos às estrelas...

(Poesias Escolhidas)

## FELICIDADE

Não creias nunca na felicidade,  
Não creias que ela é semelhante ao amor;  
Passa e deixa um perfume de saudade,  
Purificado em lágrimas de dor.

Gastei meu sangue na intranquilidade  
De buscá-la... (Inscrito sonhador!)  
Ela é a opala do Sonho, a levandade,  
Passa de mão em mão, muda de cor.

Deixa que eu só me iluda em procurá-la.  
Felicidade é a sombra que nos fala,  
Que nos maldiz na vida ou nos bendiz.

Éfêmera e imprecisa como um beijo,  
Ela está quase sempre de no desejo  
Louco que a gente tem de ser feliz.

(Poesias Escolhidas)

## MIGALHA DE VENTURA

Tirem-me a luz que os olhos me alumia,  
O ar que me enche os pulmões e o céu que  
Tirem-me esses momentos de alegria,  
Tirem-me a voz de pássaro canoro;

Tirem-me a paz de espírito, a harmonia  
Da vida, e o mar que canta, quando eu choro,  
Tirem-me a noite e, ao luar da noite fria,  
O sonoro esplendor do céu sonoro;

Tirem-me a glória de viver, o encanto,  
A lágrima, o sorriso, a mocidade  
Que faz com que eu na vida engane tanto;

Tirem-me o manto, deixem-me desnudo,  
Mas não me tirem da minha esta saudade  
Que é meu sangue, meu ser, meu pão, meu tudo.

(Poesias Escolhidas)

## Um autógrafo de Olegário Marianno

### Mistério

Não! Nunca saberás porque motivo  
minha perseverança te acompanha:  
O sol quando aparece, ardente e vivo,  
Doira primeiro a encosta da montanha  
E rasteja a seus pés, pobre cativo,  
Presso ao mistério de uma força estranha,  
Como se do granito primitivo  
Recebesse o esplendor em que se banha.

Mesmo quando declina, a sombra dela  
Impreme em cada folha e em cada palma  
Um raio esquivo de melancolia,  
Mas seu último beijo é para aquela  
Sua alma não pode dar por não ter alma,  
Que lhe nega o seu corpo porque é fra.

Olegário Marianno

# ANTOLOGIA DA LITERATURA

## PRIMEIRA SÉRIE — ANTOLOGIA DA POESIA III — O'gario Mariano

### A ALEGRIA DA VIDA

Para a alegria de viver nada nos falta:  
Sua, minha e a vida e a luz a tocar;  
Nada nos falta na montanha mais alta,  
Nada nos falta na planura do mar...

O dia tranquilo e azul que a madrugada esmalta,  
O alvorecer de amor dos raios solha no ar,  
E a água que da montanha, entre bejotas, sulta,  
E, em cambiantes de luz, forma um riacho a cantar.

O vento que susurra, o silêncio que esperta,  
Vozes de pombas numa apoteose de penas,  
Tudo em torno de nós é tão puro e tão bom.

Que a criatura seja em divina colheita,  
Enche as mãos sem quiver... como as mãos são  
(pequenas!)  
De perfume, de sol, de cor, de luz, de som.

(Poesias Escolhidas)

### CONSELHO DE AMIGO

Cigarras! Levo a ouvir-te o dia inteiro,  
Grato da tua trivisa cantiga.  
Mas vou dar-te um conselho, rapariga:  
Trata de abandonar o teu celeiro.

Trabalha, segue o exemplo da Formiga,  
Ai vem o inverno, as chuvas, o nevoeiro,  
E tu, não tendo um pouco hospitaleiro,  
Pediras... e é bem triste ser mendiga!

E ela ouvindo os conselhos que eu lhe dava,  
(Quem lá conselhos sempre se consome...)  
Continuava cantando... continuava...

Parece que no canto ela dizia:  
— Se eu deixar de cantar morro de fome...  
Que a cantiga é o meu pão de cada dia.

(Poesias Escolhidas)

### ÁGUA CORRENTE

Água corrente! Água corrente!  
O teu destino é igual ao destino da gente.  
Para onde vais? Tu mesma marças tua sorte,  
Vais para a vida, para o sonho ou para a morte?  
Na correnteza leve de mananção,  
As maréolas que vão pelo caminho,  
Uma corrente leve, que o vento acia,  
A tua de um menino que ainda gesticula.

Um pedaco de céu entre o nevoeiro,  
As nuvens e os bos, um bonafiro,  
E a aldré balança a se perder na talda,  
Tudo vindo de um monte de comorrida...

Água corrente! Água corrente!  
O teu destino é igual ao destino da gente.

Pasas cantando e ninguém sabe, água errada,  
E o teu canto é de dor ou de alegria;  
Contas campos e campos desolados,  
Refletindo as charnecas e os arados.  
O homem que o seu tesouro desenterra,  
Fruto do coração verde da terra,  
O plantio e a colheita das searas,  
Tudo isso vai nas tuas águas claras

Vertiginosamente retratado...  
Água corrente! Tinha tu cuidado:  
Que não passe de simples fantasia,  
Tudo o que em teu espírito se insinua...  
Não te vá ludir e a alegria,  
Que é tão dos outros e tão pouco tua.

Água corrente! Água corrente!  
Olha que o teu destino é o destino da gente.

(Poesias Escolhidas)

### AS DUAS SOMBRAS

Na encruzilhada silenciosa do Destino,  
Quando as estrelas se multiplicaram,  
Duas Sombras errantes se encontraram.

A primeira falou: — "Nasci de um beijo  
De luz, sou força, vida, alma, esplendor,  
Trago em mim toda a glória do Deusjo,  
Toda a ansia do Universo... Eu sou o Amor,

O mundo sinto exultar a meus pés...  
Sou Delírio... Loucura... E tu, quem és?"

— "Eu nasci de uma lágrima, Sou flama  
Do teu incêndio que devora...  
Vivo, dos olhos tristes de quem ama  
Para os olhos nevoados de quem chora,

Dizem que ao mundo vim para ser boa,  
Para dar do meu sangue a quem me queira,  
Sou a Saudade, a tua companheira  
Que surge que consola e que perdoa..."

Na encruzilhada silenciosa do Destino,  
As duas Sombras errantes se abraçaram  
E, então, nunca mais se separaram.

(Poesias Escolhidas)

## OS ELFOS

(Leconte de Lisle)

De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dançam pelos prados...

Por um atalho verde aos campos familiar,  
Sobre um corral de treva um cavaleiro, ao luar,  
Avança... A espera lhe trazia na noite nua  
E quando ele atravessa um alvo rio de lua,  
Sobre o cabido seu que ao vento se desata,  
Balha, dentro da noite, o seu elmo de prata.

De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dançam pelos prados...

Cercam-na todos como um enxame fugace  
Que ligeiro pelo ar o silêncio acordasse...  
— "O Cavaleiro ouzad! Na noite erma e calada  
Aonde vais?" — lhe pergunta a rainha assustada.  
— "Andam sombras fatais na floresta sombria...  
Vem conosco dançar sobre a reiva macia!" —

De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dançam pelos prados...

"Não! Minha noiva com seus olhos comovidos,  
Me espera. E que amanhã ficaremos unidos.  
O' de-lai-me passar, Elfos dos verdes prados,  
Que em ronda maldade os canteiros doirados,  
Não mais me retardeis longe do meu amor!  
Ja o dia entreabre, em fuga, a corola de flor!"

De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dançam pelos prados...

"O' cavaleiro, fêta! Eu te dou de bom grado,  
A opala mística e o anel de ouro lavrado,  
E mais precioso que a fortuna e a glória tua,  
Meu manto feito com a filarina da lua".  
— Não! diz ele, — "Pois vai!" e o dedo branco  
Irguido

Tua, no coração do guerreiro aturdido.

De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dançam pelos prados...

Sob a pressão da espera, o torred arremete,  
Rompe a distância, vai, fantástico girote...  
Mas, trepe o Cavaleiro e se debruça ansioso  
Vendo no crmo da estrada um vulto silencioso  
Que caminha sem ruído e estende os longos braços:  
— Efe, espírito mau, não me embargues os passos!

De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dançam pelos prados...

— Não me detinhas, sonho, espírito ou quimeras!  
Vou desposar o lindo sonho que me espera".  
— "Amado noivo! A tumba eterna, erma e fatal,  
Será para nós dois o alvo leito nupcial,  
Morta me tens!" O Cavaleiro alucinado  
De angústia extrema e amor, rola morto a seu lado.

De mangerona e de tomilho enguirlandados,  
Farandolando, os Elfos dançam pelos prados...

(Poesias Escolhidas)

### A CANÇÃO DA SAUDADE

Que tarde imensa e fria!  
La fora o vento rodopia...  
Dança de folhas... Folhas, anhos vão  
Que passam, nessa dança transitória,  
Deixando em nós, no fundo da memória,  
O olhar de uns olhos e a carícia de umas mãos...

Ante a moldura de um retrato antigo,  
Põe-se a gente a evocar coisas emocionais.  
Tolda-se o olhar, o labio treme, a alma se aperta,  
Tudo deserto... a Vida em torno tão deserta!  
Que vontade nos vem de sofrer mais!

Depois, há sempre um cofre e desse cofre  
Tiramos velhas cartas, de vagar...  
E a volúpia enervante de quem sofre:  
Ler velhas cartas e depois chorar.

Que tarde imensa e fria!  
Nunca mais te veré... Nunca mais me verás...  
La fora o vento rodopia...  
Que desejo me vem de sofrer mais!

(Poesias Escolhidas)

### A OVELHA TRESMALHADA

A noite abriu num céu estranho  
Para adora-las e querê-las,  
Um turbilhão tonto de estrelas,  
Lindas ovelhas de um rebanho.

E o luar — pastor lírico, em breve,  
Sirge e, apontando o seu cajado,  
Vai por montes e colinas de neve  
Guiando o rebanho mágico e doirado...

Mas uma ovelha tresmalhada  
Perdeu-se. O luar, em colera, se espelha:  
— Onde andara aquela ovelha  
De olhos verdes, a mais amada,  
De boca a mais vermelha?

"Onde andará?... De serra em serra:  
"Onde andará?... Andado, avanço,  
Como um doido pelas alturas..."

E ela, tranquila, aqui na terra,  
Com o nome lindo de Esperança  
Iludido e matando as criaturas...

(Poesias Escolhidas)

### EVOCAÇÃO

Eu direi o teu nome, ó minha Mãe, As águas livres  
Do rio que me alentava a infância inquieta:  
E o rio aumentará o volume das águas  
Que os rios também choram quando sofrem.

Eu direi o teu nome às ruínas da nossa casa  
Onde espalhaste o bem da tua misericórdia:  
E ouvirei repetida em cada pedra do caminho  
A aieita cristã do teu nome sonoro.

Eu direi o teu nome à igreja humilde e pequenina  
Do nosso bairro pobre e o sino compassado  
Teu nome levará além do céu sem ralas  
Nas asas ágeis das andorinhas viajleiras.

Eu direi o teu nome às barcaças que levavam  
Os presos cativos e do fundo delas  
Surreirão, um a um, os vultos desgraçados  
Arrastando-se de joelhos para beijar-me as mãos.

Eu direi o teu nome às árvores, as casas,  
A tudo que deu alma e vida e souho a nossa vida:  
E quando voltar, sentirei minha alma aliviada  
Do peso dessa dor que vem de tua falta.

(Enamorado da Vida)

### O TERMO DA JORNADA

Meus amigos, cheguei ao termo da jornada.  
Não foi suave a ascensão como a calma a descida.  
Se trano o coração virgem como a alvorada,  
Foi o que Deus me deu na partilha da vida.

Amel, Sofri. Na solidão da minha estrada,  
Muitas vezes, curvei-me a injúria inerredia.  
Uma calúnia, uma injustiça, uma pedrada,  
Mas a cigarrá voou, mesmo de asa partida.

Vou, cantando... O horizonte abraçava as mon-  
tanhas.

O encanto da ascensão e o anseio da vitória  
Irmavam-se os dois em músicas estranhas.

Subi alto e ao descer... quanta desesperança!  
Se a vida chora em mim um passado sem glória,  
O Amor floresce em mim, nos meus olhos de criança.

(Enamorado da Vida)

### CREPÚSCULO DE D. JUAN

Velho e vencido, ao termo da jornada,  
Humilhado por tanto amor inglorio,  
Chora num por de sol D. Juan Tenório,  
Tendo as mãos a guitarra espedaçada.

Que lhe resta da vida? Um quase nada.  
Amor? Deslumbramento transitório,  
Sonho? Desejo inútil e irrisório,  
Glória? O contato da mulher amada.

Agora a solidão e este infinito...  
Gríta? o silêncio lhe estrangula o grito,  
Tenta chorar: as lágrimas secaram.

Que importa que ninguém lhe ouça o que treme,  
Se lhe resta a Saudade que é o perfume  
De todas as mulheres que passaram?...  
(Poesias Escolhidas)

### PASTOR DE ESPERANÇAS

Fatigado de andar de vida em fora  
Pastoreando esperanças malogradas,  
O homem, perdido nas encruzilhadas,  
Baixa a cabeça tristemente e chora.

Sobre os vales, os montes e as quebradas  
Vem baixando o crepúsculo e nesta hora  
Aumenta a dor que o corpo lhe devora  
E os seus braços são asas fatigadas...

Mas a noite vem vindo... Pelos campos  
Bailam estrelas como pirilampus...  
O pastor limpa os olhos para vê-las.

Toma a flauta de cana, ergue o cajado  
E com os olhos no céu, transfigurado,  
Vai seguindo o rebanho das estrelas...

(Poesias Escolhidas)



# BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## DESALENTO

Passei três anos em três dias!  
Fui a alma a transbordar! O sofrimento  
das minhas melhores alegrias  
foi das que leva como faz o vento...

Tornou-se-me a vida, num momento,  
Em tardes silenciosas e sombrias...  
A minha voz tornou-se um som incoerente  
E as minhas mãos foram ficando frias...

Sem a sombra que uma árvore projeta  
Sob o chão de folhas... Árvore formada  
para a inseminação doida de um poeta.

Nesse contraste sempre em tudo existe;  
Cada um passamos no oiro da ramada,  
A árvore e ainda, mas a sombra é tri-te.

(Poemas Escolhidos)

## O ENAMORADO DA VIDA

Eu sou um enamorado da Vida!  
Eu sou o mar pulso o céu na minha casa,  
Eu sou a minha casa entre o mar e a montanha,  
Eu sou a vida que vem rugir a meus pés, a barcos mortos,  
Eu sou a vida que vem numa carícia estranha.

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

Eu sou um enamorado da Vida!  
Amor por tudo quanto ela me pode dar:  
A minha festa da noite, a carícia da sombra,  
Este a calma silenciosa e mansa  
E o crepúsculo que baixa devagar...

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

Eu sou um enamorado da Vida!  
Tenho impeto de voar, de galgar, de vencer  
Cansar, penetrar o coração dos vales,  
Remoando feliz como um pólo selvagem  
Que solta as crinas no ar para melhor correr.

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

"O Enamorado da Vida"

## O MILAGRE DO NORDESTE

Ante a desolação da terra comburida,  
O lamem, dependo da enxada, acurvado de mágoa,  
Pós o joelho no chão e mal pude dizer:  
"Deus! Com o sol que me dá, tu me tiras a vida!  
Manda-me por piedade um pouco d'água  
Para o meu pobre gado não morrer!"

E apontava, com o braço escurvado, a campina  
Onde os trapas daquela imensa ruína  
Murmuram com vergonha de viver.

"Deus! Meu cavalo ontem morreu de fome e sede!  
Enterrei-o envolvido em minha rede...  
Era o que eu tinha de melhor para lhe dar."

E sem poder dizer tudo o mais que sentia,  
Os braços alongando à tarde que morria,  
O homem, junto da enxada, atirou-se a chorar.

E sobre ele choveu a noite toda, sem parar.

"O Enamorado da Vida"

## A VELHA ESTRADA

Eu sou uma estrada que vem do Passado, que vem  
[de longe]

Carregando todas as árvores nas costas.  
Quando nasci, era apenas uma picada humilde  
No ermo da mata-virgem brasileira.  
Trago ainda na emoção dos meus ouvidos  
O eco do baque dos pau-d'arco e dos jequitibás  
Tudo rolou perto de mim numa dança de folhas...

Ninhos estragalhados. E as labaredas  
Lambendo, tronejando a lombo, as árvores gigantes.  
Hoje o sol me acompanha na jornada,  
Através de restingas e campinas,  
Vadeando rios, contornando serras...

A paisagem é clara, luminada e colorida.  
O horizonte me chama e eu me desvio dele.  
Eu sou para o horizonte um gesto que se perde...

E vou levando no cheio de terra do meu corpo  
A frescura das árvores das montanhas,  
O gosto de água das madrugada de inverno,  
O sabor de todos os frutos brasileiros,

Os gritos do "João-de-barro" que me acordam de  
[manhãzinha]

O tropel das potranças que passam na noite sem lua,  
Seguindo as pegadas do macho selvagem que entrou  
[nas caatingas...]

E os passos cansados dos pobres que vão em cami-  
[lho da feira]

Levando nos ombros recurvos — esteiras de palha  
[de carnaúba]

Para colher na feira uma simples migalha...  
E o gemido monótono e triste, que me fere a alma,  
Dos carros de bois, carregados de canas, no pátio  
[do engenho]

O rio que corre a meu lado, me empresta a docura  
Das coisas humildes e boas; e levo comigo a cantiga  
Dos canoeiros que pae em, tostados de sol,  
Apunhalando a água tranqüila com as grandes varas,

Eu sou uma estrada que vem do Passado, que vem  
[de longe...]

Uns sons de sanfona na noite parada e profunda  
Despertam-me a volta saudade dos pretos  
Que nas senzalas, em farrapos, mergulhavam  
Humilhação, opróbrio, humilhação, renúncia,  
Ao som prolongado, monótono e triste das sanfonas,  
E vejo-os depois, arastando no pó do meu peito ca-  
[lido]

Correntes e algemas, pedaços de tronco pingando  
[sangue]

Aos bandos lá iam, bebendo distâncias, devorando  
[legião...]

Aquele, mais forte, coluna de bronze, sorria se,  
[caso]

A mão do feitor empunhava o chicote de sete per-  
[nas]

E lhe açoitava o corpo de ébano polido.  
Este outro, mais fraco, chorava baixinho, bebendo  
[de manso]

Nas mãos calejadas as lágrimas puras que os olhos  
[lhe davam]

E a marcha dos pretos, cansada, batida, humilhada,  
Ainda me ecoa no fundo do peito, no fundo mais  
[fundo]

Eu sou uma estrada que vem do Passado, que vem  
[de longe...]

"O Enamorado da Vida"

## O QUE A VIDA LEVA...

A Herman Lima

Jangadeiro! Que é feito da tua jangada  
Que há pouco dormia no colo molhado da areia?  
Boiadeiro! Que fizeram da tua boiada?  
Lá vai ela subindo a serra na tarde feia...

Tropeiro! Que é do burrico que em marcha apressada  
Te acompanhava a vida estéril pela aldeia?  
Lavrador! Que fizeram da tua enxada?  
Abelha laboriosa! Que é feito da tua colmeia?

Vaqueiro! Que é feito daquele cavalo que na va-  
[lquejada]

Penetra as caatingas e voa no espaço se alguém o  
[espera?]

Violeiro! Que é feito da tua viola, da viola murchada  
Que o teu desespero soluça nas noites de lua cheia?

Mendigo! Que é feito da tua sacola na mão humi-  
[lhada]

A velha sacola bojuda e redonda, de moedas tão  
[cheia?]

Lenhador! Que fizeram de carga pesada,  
Que aos ombros trazias num rude caminho de la-  
[gua e mel?]

Pastor! Que fizeram da frauta de cana, da frauta  
[fencantada]

Que as tuas ovelhas nos campos em flor pastoreia?  
Poeta! No fim dessa triste e penosa jornada  
Que fizeram do Amor que os teus sonhos de glória  
[fencadela?]

E' que a vida val indo, levando, inconsciente e  
[insprada]

Nosso sonho melhor para a ambição alheia.

"O Enamorado da Vida"

# A FESTA DA CHUVA -- (A José Américo)

As enxadas abriram na terra escaldada e deserta  
E o sulco profundo que foi lá no fundo das suas entranhas  
E a terra com o beijo das chuvas, sorrindo, desperta,  
E as chuvas que rodam das nuvens pesadas como altas mon-  
[tanhas]

Desperta e de cada ferida do solo ferido e sangrento  
Desperta o milagre da força da terra com as forças humanas,  
E a terra sorri, voluta e treme nas crinas do vento,  
E a terra sorri, voluta e treme nas crinas do vento,

O rio que corre a meu lado, me empresta a docura  
Das coisas humildes e boas; e levo comigo a cantiga  
Dos canoeiros que pae em, tostados de sol,  
Apunhalando a água tranqüila com as grandes varas,

Eu sou uma estrada que vem do Passado, que vem  
[de longe...]

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

Eu sou a vida que vem mais perto... Abraço  
Teu corpo de céu num simples movimento  
Quando chove, rinto a torrente das chuvas  
Quando da montanha, em seu penacho de águas,  
Flechas, raios, raios e passaros ao vento.

E vem equipando no seu "Rompe-Nuvem", do lado da serra,  
O filho do chefe, garboso e bonito, vendendo saúde.  
Assalto às choupinhas, deshonra às moedinhas... E' dono da  
[terra]

Se apanha de Jetu ladrões de cavalo, — atira no açude.

Apela da sela, batendo o rebornar na bota vermelha.  
Não fala. Não olha. Cautela pingando, calado e sizo.  
E a linda moeta mergulha seu corpo suado de ovelha  
Nos olhos do meco garboso e bonito que é dono de tudo.

E a chuva visquenta caindo na terra batida e trançada,  
De-mancha os cabelos, as orelhas, o pescoço, o rosto...  
Aos olhos do pobre "Trabalho penoso... Que vida! Que vida!"  
Aos olhos do rico: "Que safra bonita!"... Começa a fartura.

Começa a fartura. No campo que há pouco sem vida e sem  
[fama]

Espalha-se um verde lençol de verdura que a chuva amor-  
[lha...]

Os pastos florescem. E o gado cantando que a minhã de  
[paço]

Na encosta florida, com os olhos contentes, mugindo, se  
[legia]

Os frutos pesados de canas, amarram os trilhões... A usina  
Faz o melhor do açúcar, e a usina, e a usina, e a usina,  
E o estúpido estranho rindo, zombando, rindo, domina  
Três leguas em torno, rindo e serrando, campinas e alturas.

E um cheiro pastoso de cana de açúcar se infiltra no vento.  
Fartura que sabe da terra molhada, que vem das raízes  
E adoece a promessa dançada que tiram da terra o sustento,  
Daquela que vive na graça dos outros que não sabe fazer.

E a vida do povo mudando, tornando-se fértil e clara.  
A vida do pobre com simples processos de graças caranas.  
A vida do pobre com simples processos de graças caranas.  
A vida do pobre com simples processos de graças caranas.

Que a terra é dos outros. Se a terra é dos outros, por que  
[não]

O dono da enxada, levando seu corpo no charco à maleita?  
A vida só deve ser prêmio daquele que sofre e que luta:  
Quem planta a semente é que deve ser dono de toda a  
[colheita]

Conforto e abundância na Casa do Engenho. Tapetes e alfama,  
Morceias bonitas de saia de chita, tranças, molhos,  
Cavalos de sela de arreios de prata, rinchando nos "balas",  
Matilhas soberbas de cães vendedores, latindo nas matas.

Pomar verdejante. Nos ramos recurvos laranjas douradas,  
Figueiras cobertas. Figueiras que vertem ao peso das uvas.  
E o canto frenético de "caio-da-corra" nas altas montanhas,  
E a doida alegria da dança do vento na dança das chuvas.

Se range a porteira, se o "Repanta boiada" gritou de surpresa  
Cortando o silêncio da várzea encharcada, num grito mais  
[farto]

Há os "cairos" dispostos, de rifle apertado, que estão na  
[defesa]

Do dono do Engenho, copazes de tudo na vida ou na morte

O' terra dos outros! O' terra humilhada! Tu ventre materno  
Excede torções no culto em que a enxada rasga e cede,  
Mas ante a promessa dos frutos que surgem nas chuvas de  
[inverno]

Há a angústia dos dramas humanos que vive no dor das raízes.

E enquanto a fartura do açúcar se arde nos rios, enquanto  
E o cobre de mãos calejadas, implora migalhas de comida,  
No pátio sombrio das casas humildes, na noite profunda,  
Só se ouve a lamória das vozes humanas na voz das violas...

# O MITO DO BRASIL-MENINO

Conferência proferida pela dra. Elza Paxeco, no Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, em 16 de novembro de 1941

Longe está a lha em que eu nasci. "L'île écartée et lointaine" a lha hereditária perpetuamente envolta na densa das mares, guardada pelos dragões verdes do mar das Tempestades; do mar Tebrosso na Terra da Luz. Longe está — no tempo e no espaço — a lha dos mares d'outro tempo; mais longe no espaço do que no tempo e porta, pertinho, mesmo dentro do meu coração. Aqui ficou para sempre a imagem da minha cidade colonial, no abraço dos seus dois rios, com as suas igrejas meio jesuíticas e as suas ladeiras onde a água caía depois da chuva sob o céu azul.

Dizem-me que a minha cidade já não é velha, nem colonial; remodelada na sua energia e picareta. Ainda existirá a rua da Palma? E, no canto da rua Direita (tória) como da boa tradição, existirá ainda a casa e o seu jardim que era um paraíso por onde entravam o sol, a lua e as estrelas? A casa, sempre de telhas a mostra, encimando a parede de azulejos — igluzinhos a uns que há ali no Lavra, por onde eu passo com a sensação de quem vai em romaria.

Ainda existirá a lha? Ou está "pra afundar", como a de Jorge de Lima?

bra Grande. Era a terra que o Cruzeiro protege.

Eu tenho estes braços abertos assim, na amplitude dos espaços como que pra dizer: tudo todos! que este céu é bastante profundo e servirá de teto a todos quantos sofrem no mundo! (4)

Era a terra dos pássaros cantantes e da lua.

Terra cheia de graça  
Terra cheia de pássaros  
Terra cheia de luz.

A grande Terra giravolt onde havia guerreiros de lança e onças ruivas deitadas à sombra dos árvores moqueadas de sol (5).

Dirão alguns que estes poetas em verso ou em prosa devem ter seguido a filosofia de Graça Aranha; mas a presença de sentir idêntico na mente infantil de quem não a conhecia, pode provar a sua existência original.

Eis alguns dos motivos encontrados na obra do velho teoricador dos modernos brasileiros: "Estamos na dourada habitação da luz. Do alto do céu, todo o vasto continente brasileiro aparecerá como um diamante a cintilar nas sombras do infinito... Dentro dessa luz a natureza ostenta os prodígios da sua criação... É a floresta tropical na sua magnificência e na sua desordem, a floresta criadora da vida eterna, onde árvores sobem na profundidade da terra e se enlaçam como irmãos; onde tudo se transforma, os pássaros coloridos são como flores aladas, os ventos como pássaros que cantam... Tudo é magia no silêncio verde. Currupiras surtem como fogos que dançam e toda a mata estremece, mas num canto da floresta, a margem do regato, a hora rubra do sol poente a Yara, a mãe de água, gentia os seus cabelos ouro e verde" (6).

"Que deuses e que mitos são esses? Ou o ser diabolico, terrível, que encarna as forças ameaçadoras e destruidoras da natureza, o gênio misterioso da mata, ou a melancolia que se lamenta de não mudar as perpétuas penas (7). Ou o apelo do animal devorado pelo próprio pelo, ou o supremo esforço para fugir aos sofrimentos do mundo, que faz os homens subirem cantando, e dançando nos céus, onde são mudados em estrelas" (8). O mistério dessas raças primitivas explica o estado de magia intermediária em que ainda vivem os seus descendentes" (9).

"A história da civilização portuguesa em tão trágica terra é um dos mais profundos testemunhos da vitória do espírito humano sobre a matéria" (10).

"Durante dois séculos a grande fascinação foi a do ouro. Desenvolveu-se em plena natureza o drama de uma ardente e estafada cobiça... Mas dessa fúria foi nascendo a civilização, amassada no sangue e na alma sobre a Terra maravilhosa... O prestígio da grandeza do território enleia e envaldece o brasileiro. Ele sente-se o homem de uma grande terra e sabe que essa terra é bela. E nessa sedução, nessa dominação da natureza a fonte do providencialismo, que exerce no espírito brasileiro a faculdade motora da sua atividade e também de um doce desdém... E também neste mistério físico da grandeza da terra estão as raízes do exaltado patriotismo que se vai transmitindo às gerações e dá logo à aurora da infância essa ilusão nacional, que enche a criança brasileira de orgulho da luz, do céu das estrelas e das outras expressões da natureza pátria. As menores coisas se engrandecem numa miragem infantil. Para uma criança brasileira tudo da sua terra é superior a tudo das outras terras" (11).

O filho de europeus experimenta a fascinação tal como o descendente do africano ou do indígena, que com ele convive. Mas, se me impressionou para sempre a alma aquela clima, misterioso na sua intensa claridade e temível na sua beleza surpreendente confesso não ter carregado no espírito "o terror de vários deuses, a angústia das lembranças do passado perdido" (12). Outros não me parecem, na verdade, encontrar no que há de sincero na literatura bra-

sileira moderna aquilo "que Graça Aranha chamava com insistência de terror cósmico, falando tanto mais que os seus adversários acabaram asseverando que ele tinha medo de ter medo" (13).

Tal qual na Estética da Vida e nas ruínas da minha infância, o tema tricolor das raças surge e ressurge nas páginas "modernas" devidamente estilizado (pois o índio do Brasil não é, em geral, assim tão vermelho), num motivo arcaico que leva a crer os autores, germanófilos furibundos. Senão revertemos a

## HISTÓRIA PRA CRIANÇA

com o seu lapso encarnado, o seu glá branco e o seu nuança

Então o Brasil menino rabiscou no seu caderno de figuras...

... história do seu destino (14)

Seguem-se os

## REIS MAGOS

... e pra ouvir a sua história vieram três reis encantados:

um vermelho, o que lhe trouxe a manilha como presente;

outro branco, o que lhe havia feito presente do dia;

outro preto finalmente, resto cortado de acote; o que lhe trouxera a noite... (15)

No poema fragmentário de Martin Cererê residem mitos do gênero denominado "eventos" pelos livros que pedantes "mitos eventuais", por causa do filosofo para quem antes se vê a transfiguração de acontecimentos históricos. O título apresenta o nome daquela realidade indígena, o Ba e Ecaré, depois de sofrer o influo das outras duas raças formadoras. "Daí Martin Cererê, diz Cassiano Ricardo. "E o Brasil-menino, a quem dedico este livro de histórias e de figuras".

E assim, sob a égide do Saci sempre menino (16), passam o descontentamento e a colonização primeira, a escravidão e as Palmiras, as bandeiras e as assombrações, até o S. Paulo de hoje, dos armbrós-cus e dos italianinhos.

Quando a Macunaima, o "herói sem nenhum caráter", nascido dos negros capangas, tem o poder de crescer e transformar-se, como o Saci, torna-se homem depois de molhado pela cota com caldo de alpin, mas conserva a cabecinha de um menino; casa com Clá, a mãe do mato, imperatriz das Icanibabias, e a água da cova, que é a pérgua de S. Tome, fá-lo milagrosamente branco, de olhos azuis e cabelo louro. "E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo realista dos Tapanhumbas" (17). O mesmo não aconteceu a seus dois irmãos, que com ele correm as aventuras deste romance picaretesco. "Nem bem Jigüé percebeu o milagre se atirou na marca do pézão do Sumé. Porém a água já estava sua, a legura do herói e por mais que Jigüé estregasse feto maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaima teve dó e consolou:

"— Olhe, mano Jigüé, branco voce ficou, não porem pretumei fô-se e antes fânhoze que sem maré. Maanape então é que foi se lavar mais Jigüé esborrilara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumbas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele não vermelhas por terem se limpo na água santa" (18).

Macunaima pode ser interpretado algeoricamente: o herói, as suas faquinhas e os seus contratempos representam, na intenção autística, o Brasil das três raças, sem limitações de tempo ou de espaço. João Ramalho e o Padre Voador de envolta com as Amazonas, as normalistas, o telefôno, o gigante Palma, comedor de gente aliás Vencedor Pinho Fletner, os bondes, a macuniba e a malraquilha, o



## O MENINO POETA - HENRIQUE LISBOA

(Desenho de Santa Rosa)

Aí! que esse menino será, não será?... Certo peregrino (passou por aqui) conta que um menino das bandas de lá furtou uma estrela. Tra-lá-lá-lá-lá

O menino poeta não sei onde está, procuro daqui, procuro da lá

Tem olhos azuis ou tem olhos negros? Parece Jesus ou índio guerreiro?

Trá-lá-lá-lá-lá trá-lá-lá-lá-lá.

Mas onde andará que ainda não o vi? Nas águas de Lambert, nos reinos do Canadá?

Estará no b'roco brincando com os anjas? Na escola, travesso, rabiscando bonecos?

O v'zinho ali disse que acolá existe um menino com dó dos peixinhos.

Um dia pescou — pescou por pescar — um peixinho de ambar coberto de sal. Depois o soltou outra vez nas ondas.

A estrela num choro o menino rindo. Porém de repente — menino tão indol — subiu p'lo morro, tornou a pregá-la com três pratas de ouro nas saias da lua.

Aí! que esse menino será, não será?... Procuro daqui, procuro de lá.

O menino poeta qu'ro ver se perto qu'ro ver de perto para me ensinar as bonitas cousas do céu e do mar

aeroplano, as francesas e as polacas, e as lendas indígenas inseridas a cada passo, a choover estrelas da terra pra o céu.

Esta mitologia não helênica batia numa atmosfera subconcente de sonho ou de imaginação infantil, onde um pretensio realismo cru e pouco variado se casa ao fantástico inverosímil e sem limites. Era a moda francesa à volta de 1928. "Du moment que la réalité, telle que l'observation la science ou le bon sens ordinaire nous la présentent, n'offre plus aucun intérêt littéraire, puisque au contraire, nous en sommes dégoûtés, puisque l'art est devenu un procédé d'évasion, pourquoi nous priver d'imaginer, d'inventer? Pourquoi aux idées les apparences, la vérité et les catégories logiques elles-mêmes? Dédaignons ce qui est simplement "humain" (19)

Agora passemos a encarar outro aspecto do nosso estudo.

Macunaima, apesar do seu empenho em adquirir "cultura", pertenceu de certo a parentela daquela colegial de Ribeiro Couto que preferia empinar papagaios a decorar o nome dos donatários das capitanias ou a data da morte de Tiradentes. "Al que pergunta!"

O desgraçado inconfiante parece não gostar lá muito da simpatia da juventude brasileira, o que provém sem dúvida da insistência dos professores sobre os fatos em que andou metido. Bem me lembro das referências à "paulistação", a "seringação de Tiradentes" como lhe chama Monteiro Lobato (20). O mesmo destino levava "Os Lusíadas", campo de análise lógica, lá então, aqui ainda,

onde, como nas estatísticas e na Bíblia se pode achar tudo o que se quere (no dizer de Agripino Grieco (21), arvoradas em tiranos pelo mestre, forneceram uma linguagem composta, similitudinária, cujos elementos brigam anacronisticamente uns com os outros.

E' nessa língua, de base emprestada, pelos sermonários do século XVII, que Macunaima escreve a sua formidável Carta para Icanibabias, paródia de Horácio quase britânico.

- (1) Da Tântica Inconautil.
- (2) Adaptação da ortografia de Mário de Andrade.
- (3) No "Diário de Notícias", de Lisboa (3-IX-34).
- (4) Cassiano Ricardo, Martin Cererê, pag. 81 da 2.ª edição, 1936.
- (5) Id. pag. 47-48.
- (6) Graça Aranha, "A Estética da Vida", pag. 101-102, passim.
- (7) Cf. Monólogo do Carão em Martin Cererê, pag. 151.
- (8) Cf. Macunaima.
- (9) "A Estética da Vida", pag. 108-107, passim.
- (10) Id., pag. 97.
- (11) "A Estética da Vida", pag. 95-93, passim.
- (12) Id., pag. 96.
- (13) Agripino Grieco, "Gente Nova do Brasil", pag. 226.
- (14) Martin Cererê, pag. 98.
- (15) Id., pag. 70. Cf. pag. 66-68 e 84-85.
- (16) Of. Monteiro Lobato no último capítulo das "Ideias de Joca Tatu".
- (17) Macunaima, pag. 94 da 1.ª edição, 1928.
- (18) Macunaima, pag. 50-57.
- (19) Emile Bouvier, Introduction à la Littérature d'aujourd'hui (1927) pag. 183 da 2.ª edição.
- (20) A Onda Verde, pag. 104.
- (21) Obr. cit., pag. 218.

Os pobres clássicos portugueses,

(Continua no próximo número)

Não digo em que signo se encontra esta lha. Mas lha mais bela não há no alto mar. (1)

LA não havia só o peixe cantor, baleias azuis, o ouriço vermelho, os rios de leite, os vales em flor, o grande areal e "as noites que noites de inverno duram". Havia também as crianças que estudavam e estudavam com amor à história da sua terra, como aquele menino que emprestou o seu compasso à americana Vera Keller, para o livro das "Seven Keys to Brazil". E essa história é tão bela que não parece uma lenda. Pelo menos assim pensava a menina que não ia à escola, mas a quem se via contava as fundações das velhas cidades, principiando pela nova, antes que a memória fosse Rocio Pombo e João Ribeiro. E conhecia o "La Ravarero" e o "Jornal de Albuquerque", que o "Humano aventureiro" (como traz o livro), o Padre Vieira falando aos peixes e os homens da "Atenas brasileira", estudantes em Coimbra ou em Paris, depois esclarecendo a Pátria com as suas lutas. Mamãe dizia à menina: — Esta é a casa dos Holandeses, aqui foi o colégio dos Jesuítas, acolá um campo de batalha. E mostrava-lhe a grama onde o Padre Grande arrebatou os "senhores" um arrendimento de curta duração, e o Poeta de mármore branco, rodeado das palmeiras que celebraram, fitando as ondas que o levaram. E a ama lembrava o seu Jacaré e o Matina Pereira gritando na roça ao pino do meio-dia ou crescendo, crescendo, crescendo desde pequenino até bater com a cabeça na lua, e o Currupira, feito preto velho encolhido no pedregulho fúmo e a Mãe Dágua (2), de longos cabelos, Perrault, Grimm e até o muito querido Andersen não tiravam esses contos da cabeça da menina, mesmo quando ela, depois de subir ao Pão-de-Açúcar e de morar a beira do Amazonas, onde, nas grandes ruas plantadas de mangueiras as cigarras cantam, deixou aquela terra encantada e viu Europa, França e Itália.

Quando eu era pequena, houve lá para as bandas do sul o grande sucesso de uma revolta da literatura "moderna", parte da rebelião mundial, contra quem escrevia no jeito de Bialé. Anos mais tarde chegou a leitura de alguma coisa produzida pelo movimento através dos vintes e dos trintanos do século. Segundo Adalgis Nory, a messe não foi o que se poderia prever depois de tão clangoroso semear; hoje, porém, "há uma compreensão maior: sabemos que já não nos basta quebrar os quadros formais... e sim procurar uma harmonia, um equilíbrio entre o interior e o exterior..." (8).

Entre as obras lidas, Macunaima e Martin Cererê, sobretudo, mostraram-me que aquela terra das recordações de infância era o mesmo Brasil menino onde se confundiam os passos dos heróis do antanho com as páginas dos romances da selva e os rastros da Co-